LEONARDO PERACINI

ALÉM DA LIDERANÇA

DEVANEIOS DE UMA GESTÃO



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Além da Liderança:

Devaneios de uma gestão

Leonardo Peracini

Além da Liderança: Devaneios de uma gestão

Para meus pais, Michel e Maria Antônia Peracini, meu irmão, Leandro Peracini,

que, pelo amor incondicional, ensinaram-me mais do que qualquer livro que eu já tenha lido. Entregaram-me o que mais precisava para chegar até aqui, o meu caráter.

À minha linda esposa, Cristiane Peracini, que escolheu viver intensamente ao meu lado. Sempre compreensiva e amorosa em todas as situações. Seu amor é um presente que encontrei na trilha da minha existência.

E a todos os meus amigos de trabalho, que, sem eles, esta obra não teria sentido.

Em cada chegada, eu sou uma partida.

Friedrich Wilhelm Nietzsche

Além da Liderança: Devaneios de uma gestão

Sumário

Introdução
..... 9

Antes de começar a liderar, entenda primeiro o que fizeram de você 31

Você tiraria a sua própria vida pela empresa em que trabalha? 36

Sementes ideológicas da liderança 47

Liderando a inércia 56

Líder ou artista? 62

A crise de identidade nas empresas 69

Falta de vida nas empresas 77

Líder? Profeta? Ou Professor? 83

A sobrevivência pelo prazer 87

A materialização do amor como alimento da vida 92

Felicidade efêmera 99

Bibliografia 108

Prefácio

Aprendi com meu pai que a autoridade pode ser conquistada pela firmeza na fala, com minha mãe que a mansidão gera segurança e estabelece vínculos de confiança, com minha primeira professora que a tolerância é uma das mais belas virtudes, eu aprendi...

Fazendo retórica em nossa biografia, vamos perceber que, ao longo dela, construímos os próprios modelos de liderança sob a influência do que vimos, experimentamos ou percebemos em outras pessoas ou situações, daí vem a pergunta: que tipo de influência forjou as maiores convicções? *Além da Liderança* convida, de maneira provocativa e prazerosa, a mergulhar em nossa mais profunda essência e a descobrir que a ausência de respostas no sentido da vida e das coisas só existe na falta das perguntas certas.

“...Quando julguei que tinha encontrado todas as respostas, veio a vida e mudou as perguntas!” (Trecho do livro).

As melhores questões são aquelas que nos desarrumam. Para construir algo melhor, é necessário antes destruir. Talvez seja essa a maior razão para evitarmos certos questionamentos.

Muitas vezes, nos apegamos tanto às nossas verdades, que fica praticamente impossível abrir caminho para perguntas que as confrontem, pois colocamos

crenças sob os pilares de nossos valores, que são verdades profundas. Quando aceitamos nossas concepções, estabelecemos crenças ou limites, tanto que é comum, quando alguém fere o que acreditamos, a gente dizer: “Agora você passou dos limites!”.

O problema é que, querendo ou não, em algum momento, verdades serão confrontadas, e, quando isso acontecer, teremos de estar preparados para mudanças, e elas podem significar romper limites. Só mudamos quando nos

incomodamos, talvez o conforto que tanto buscamos seja nosso maior cárcere, que nos priva de conhecer o sabor da sabedoria no desconhecido, fazendo de nós pessoas inertes a mudanças e ao crescimento.

Agora, se por um lado encontramos pessoas resistentes a transformações, por outro, há aqueles que, na busca pelo crescimento, se perdem em meio às modificações. Quem muda constantemente está sempre no começo. Na ânsia de chegar ao topo, renuncia a base. E, por não a conhecer, está despreparado para alcançar o cume. Quando consegue, está frágil e cai rapidamente.

Como liderar em meio a tantas diferenças de valores, gerações e mudanças rápidas? Como chefiar em um mundo de modismos, onde conceitos e regras são apresentados como enlatados, partindo do princípio que o ser humano tem um padrão lógico?

Vivemos um paradoxo: determinada geração busca seu espaço em um

mundo de mudanças constantes e outra não aceita permanecer em um emprego ou

atividade por mais de três meses sem que haja crescimento rápido.

Tempos atrás, as pessoas se orgulhavam de ter estabilidade no trabalho.

Hoje, é comum encontrar jovens com mais de sete registros na Carteira de

Trabalho e Previdência Social (CTPS), e, pasmem, este documento possui espaço

para dez registros.

Por querer bastante, abrimos mão do pouco e esquecemos de que o muito é

a soma de várias coisas pequenas. Corremos para ganhar o mundo e deixamos para

trás a essência. Conquistamos grandes negócios, mas perdemos batalhas no campo

emocional e descobrimos que atravessamos a vida, e não permitimos que ela

passasse por nós.

Nesta obra, que soma um valioso acervo literário a experiências próprias,

com a beleza da poesia, inspiração e filosofia, Leonardo Peracini nos envolve,

promovendo uma leitura que, além de ser prazerosa, é riquíssima em conteúdo

intelectual, comportamental e emocional, despertando em nós um líder e ser

humano ainda melhor.

Deixe seus valores, conceitos e paradigmas em uma paralela e tente

experimentar se conhecer por intermédio das páginas deste livro. Isso ampliará sua

visão, descortinando o que há ALÉM DA LIDERANÇA.

Daniel G. Ferreira

Empresário, administrador Multi-Business, consultor empresarial, especialista em *marketing*,

coach, palestrante, terapeuta comportamental e instrutor licenciado pela Escola de Negócios

Master Mind no Brasil, ligado a The Napoleon Hill Foundation – Indiana/USA.

Além da Liderança: Devaneios de uma gestão

Introdução

Elimine primeiro o impossível, o resto que sobrar, é o que teremos para

trabalhar. Neste ponto, é que se tecerá a verdadeira meta, o percurso para o

próximo enigma.

Neste livro você não encontrará teorias, métodos, números, pesquisas e

fórmulas de sucesso. Contudo, poderá achar respostas, dúvidas, provocações,

desilusões, ilusões, críticas, observações, liberdade e poesias brotando no trajeto

da obra, o prazer e a alegria de reencontrar consigo mesmo e com alguém que ainda

não conhece. Um dia, perguntaram para o dr. Sigmund Freud: “O que é a vida?”.

Ele respondeu: “Talvez seria trocar uma ilusão pela outra”. Penso que ser líder de

valor ou uma pessoa importante para outras é aprender a administrar, superar e "dançar" com as ilusões e desilusões da vida. É aprender a não se calar quando o coração está gritando, mesmo não usando palavras.

Este livro é inacabado, não existe fim. Ele até pode começar a ser lido pelo final. Fique à vontade, meu caro leitor, sirva-se. Não há começo. Não existem problemas em ler os textos separados, até porque este livro não tem história, conto.

São fragmentos, retalhos, devaneios literários, como a mente, que se desenvolve na forma de um palimpsesto.

O ser humano cresce por subtração, e gostoso mesmo é saborear e experimentar o novo, aquilo que ainda não foi degustado, imprimido na alma humana, não importa por onde esse movimento começa, nem sua temática. O que importa é a experiência, que, para você, esta obra pode ser novidade, ou não, apenas um fragmento ou uma provocação que evidenciará ainda mais seus

defeitos, defeitos esses que podem também serem os pilares que o levaram ao um mergulho nas profundezas obscuras e arrebatadoras do mundo interno, dos fantasmas que se manifestam na consciência como defeitos, falhas, moral, éticas confusas, culpas e mazelas humanas ainda não experenciadas, ao qual devem ser

reconstruídas, reelaboradas, construídas em algo que consiga sustentar o edifico

inteiro, que após essas provocações, pode ficar ainda maior, mais pesado, potente,

firme, simétrico.

Uma fruta, mesmo sendo da mesma qualidade, cada uma cria diferentes

experiências, sabores, momentos. Heráclito, filósofo pré-socrático, marcou a

humanidade, e entre essas marcas, um de seus famosos pensamentos era dizer que:

“Nenhum homem se banha duas vezes no mesmo rio”. Em quantas ocasiões eu e

você, lendo uma obra novamente, sentimos que o sabor está diferente? Quantas

vezes sentimos que estamos mudando, ficando diferentes? Ser humano muda de

sabor, como essa obra, como o planeta, como tudo que se conecta, somos seres de

mudanças, de demasiados sabores. Você pode estar, agora, se sentido distante, que

também é normal, pois ainda nem deu tempo de se provocar pelas páginas deste

livro, porém, sabemos que todo ser humano, muitas vezes, antes de ficar próximo,

primeiro é preciso ficar longe.

Não há ordem para começar. Até porque já começou. O importante é estar

presente, quase sonhando todos pensamentos. Se você se sentir encantado por

algum texto, não se preocupe, deguste-o, pois estará encantado com você, não om

os pensamentos, eles ficam vivos quando você os evocam, quando consegue

mistura-los com aquilo que existe gravado em seus personagens internos. Contudo,

para comer chocolate, o bom mesmo é se lambuzar. Se entregue de forma simples,

porque todo trabalho, toda transformação não é complexa, é necessário

descomplicar para construir. Estar além da liderança, é conseguir construir algo

que não pareça uma prisão ao ar livre, algo inacabável, aquilo que é constante, que

existe vida, vontade, verdade, sendo personagem da própria estória. Um dos

objetivos também desta obra, será buscar fazer com que aquela lagrima que está

fixada em seu rosto, por vezes, possa descer. Outro objetivo, é sentir algo parecido

com o de iniciar um projeto, relacionamento, viagem para lugar que ainda não foi

visitado, escutar música não tocada até o momento, conhecer novas pessoas,

experimentar sentimentos diferentes e lambuzar-se com si mesmo.

O começo e o fim são apenas meios de chegar ao sentido. Porém, é o final

que dá sentido ao início. O fim nos convida para o futuro. O começo, para o

presente. Observe a morte. É ela que dá estímulo à vida. Se não existisse, a

existência não teria finalidade. As pessoas iriam adiar seus começos, propósitos,

sonhos, vontades. Imagine agora se você tivesse apenas 24 horas de vida, o que

faria? Você correria primeiro para qual lugar? Quem seriam as pessoas que

gostaria de encontrar? O que diria para seus pais? Como seria seu olhar quando atravessasse os olhares de seus filhos? O que diria pra eles? Como seria seus últimos minutos? Pensamentos? Qual marca deixou? Que sabor teve seu rastro? E você, se tornou quem?

Pense e veja quanto de sentido essa reflexão traz para sua matéria humana experimentar. Ela é poderosa, porque limita o tempo. Brinca com o começo, fim e sentido da vida. Nela, 24 horas são o fim, a vida é o começo, o que está “entre” o começo e o fim é o que poderíamos nomear como caráter de sentido da vida. Estar além da liderança, de maneira alguma é estar com a mente no futuro, na verdade, é conseguir entender o “entre”, aquilo inconsciente que se torna consciente, transformando em algo que ele o patamar humano.

Com efeito, ver o começo é fácil, mas enxergar o final exige distanciamento. Perceber o fim é ter sensação de calma e sabedoria nas horas mais turbulentas. As melhores decisões são tomadas quando o fim é visto, e o “entre” que está entre o começo e fim, que se manifesta na consciência através de sentido é o que leva as decisões além do que se projetam ou estão atualmente. É aquele insight, ou melhor, é um pensamento que sai do mundo interno, se projeta ao mundo externo, e modifica os dois. Existimos porque existe objetos externos, e internos, sem eles,

não existiríamos, não haveria qualquer conexão, não teria o porquê decidir, se transformar. Não haveria ou porque ou para que continuar.

Escrever esta obra, mesmo sem saber no que iria se transformar, sabia que seria um encontro com minhas angustias, com minhas verdades inventadas, com o sentido da minha vida. Sempre tive a sensação de que a transformação estava além

do presente, sempre senti, até porque, entender isso não seria uma questão de inteligência, mas de sentido. Demorei algum tempo para concluir trechos, organizar esquemas, ler sobre outros pontos de vista, pensamentos e áreas de estudo. Encontrei-me pessoalmente com muita gente. Portanto, apesar de tentar organizar toda a minha forma de pensar, maneira essa que muda a cada minuto, busquei exprimir e escrever com meu próprio sangue. Mas meu corpo, limitado, por várias vezes lutava contra tudo e todos. Queria mudar reflexões, pensamentos, misturas, cores e sabores. Quando percebia, já havia modificado. Olhava para o chão e via apenas a casca, olhava para cima e via céu, porém, quando olhava a frente, sentia que já estava voando. Quando olhava para dentro, enxergava a transformação. Por isso o sentimento de angústia, porque não suportava o que poderia me tornar a vir a ser. Essa dor psíquica, se manifestava pelos julgamentos,

metodologias, pensamentos não suportados, que com efeito, parecia verdade e fantasia ao mesmo tempo, mas que me fez entender que deveria seguir adiante, porque o que se passava lá fora, mesmo não entendendo, não me interessava, porque o que eu queria era mesmo transformar o que se passava dentro.

A capa deste livro fala por si. Ela ilustra a vida, mostra que tudo nela são momentos de transformações. Sejam elas por meio do sofrimento ou do amor. Todos efêmeros. Este livro, como o amor e ódio, não tem garantias. Se oferecesse garantia de que esta obra iria funcionar para tal fim desejado, seria como se conseguisse ensinar aqueles e aquelas que leem, a pular a própria sombra. Como a ilustração, viramos borboletas todos os dias. Seja biologicamente, trocando milhares de células, ou de forma transcendente, explorando novos vícios, virtudes e vidas. Porém, não se desespere, nunca conseguiremos dizer quem somos, porque quando tentamos dizer o que somos, excorporamos nossa matéria humana, e em um momento de reflexão, não somos mais aquele que acreditávamos ser.

Avião

Quem aprendeu a viver

Não aprendeu a se conservar.

Viver é desequilibrar, desgastar.

Além da Liderança: Devaneios de uma gestão

Quem se conserva se conserva fechado.

Quem se gasta se gasta porque é aberto.

A escuridão é fechada.

A luz é aberta.

O avião no aeroporto está fechado, confinado.

Não sendo avião...

Nos céus,

Ele está aberto, voando, em algum sentindo,

Mas voando, como faz um avião.

A vida é aprender, não a viver,

Mas a voar no escuro,

Em alguma direção.

Voos abertos,

Sem muito a se preocupar em manter os pés no chão.

Talvez é assim que se faz,

Como faz, quando levanta voo um avião.

Penso que a literatura, a arte, a música, as poesias, a psicanálise e a filosofia

sempre foram os melhores amigos e maneiras de aprender como encontrar

fragmentos de sentido da vida. Por isso, nesta obra iremos pular de uma área para

outra, buscando encontrar simetria nas temáticas desenvolvidas ao longo desta

trajetória. Contudo, não é minha pretensão esgotar qualquer tema que seja, até

porque, são inesgotáveis. E o percurso da liderança, ou melhor, o percurso da vida

é incurável, porém tratável. Seguir neste percurso, é entrar em um jogo de apertos,

aos quais, aprenderemos a apertar nós essenciais, que sustentam a rede, as malhas

da liderança. Desenvolveremos também estímulos para que aprendemos a olhar

para todas situações de maneira extraordinária e não ordinária, pensando acima do

pensamentos, enxergando aquilo que não se vê, sabendo o que a maioria não

sabem, mudando ângulos, vértices, tornando-nos diferentes frente a demasiadas

situações, como nos ensina a estupenda poetisa Clarice Lispector “Se juntarem

para falar mal de mim, me chamem, sei coisas terríveis ao meu respeito. E se me

acharem esquisita, respeite também, até eu fui obrigada a me respeitar.”

O conceito de beleza e estética para os gregos representava o profundo do

ser. O saber excorporar. Observe a etimologia da palavra “entusiasmo”, que,

naquela época, significava um Deus dentro de si, uma chama que estava acesa

dentro daqueles que eram loucos pela vida, otimistas de espirito. Ela era também

utilizada para classificar pessoas inquietas, alegres, com talentos artísticos,

retóricos e que se diferenciavam. Nos dias de hoje, traduzimos o conceito de

pessoas entusiasmadas como aquelas e aquelas que aprenderam a suportar a vida,

suas mazelas, as verdades pessoais, que suportam a si mesmos, que vivem

buscando algo de extraordinário, que contenha um grandioso proposito.

Entretanto, algumas pessoas, distorcem esses conceitos, remodelando-os em

discursos onde tudo é possível, onde aquilo que na vida não deu certo, agora pode

dar, como a felicidade, a salvação, a absolvição de culpas e sofrimentos, prometem

a outros a cura para tudo, o que por sua vez, técnicas ou teorias, com aspectos

lights, se perfazem como anestesias, que apenas sublimam aquilo que não

conseguiu ser transformado em produtos que parecem ser vendidos em prateleiras

de *free shop*.

O modelo de liderança comercializado no mundo capitalista impõe que o

indivíduo seja saudável, sarado, agressivo, firme, fale bem e use roupas da moda.

Ele está fora se for generoso, acima do peso, com dificuldades retóricas, tímido e

antiquado. É preciso estar no formato do “líder politicamente correto”. O descarte

também é importante, pois líder politicamente correto, é aquele que quando é

descartado não se posiciona, pois precisa manter a aparência para o próximo

trabalho, onde a carta de referência é importante. E assim, a ciranda gira, cada

hora, como cada qual, está em uma posição. Como um relógio, que eternamente

irá dar voltas e chegar no mesmo lugar, claro, que mais desgastado, mais velho, porém, com o mesmo sentido.

Além da Liderança: Devaneios de uma gestão

Apoio-me às vezes nos conceitos da filosofia dos gregos, pois nunca morrerão. Vão e voltam, como reflexões poderosas, sem modismos. Os gregos tinham a clareza de que a beleza não se reduzia apenas à forma biológica. Sua dimensão era algo que transcendia. Estava entre o céu e a terra. Eles entendiam muito bem sobre o “entre” que falamos anteriormente. Esse “entre” que não era um deus, nem um homem. Era o que chamamos de amor. Eles tinham visão idealista, humanista, afetiva. Entretanto, hoje, o amor estético se vende pela TV, por e-mail, em cursos nas empresas e em falas sem sentido, corrompidas pelo capitalismo, penso melhor, amor que nada, mas sim, perversão seria mais adequado, porque amor não se vende, isto é, tudo aquilo que está no “entre” não se deixa agarrar. Essas perversões são traduzidas para exploração do individualismo e para a autoafirmação de egos e da dominação do poder, talvez, analisando profundamente, encontraremos demasiadas feridas narcisistas. Contudo, neste vai e vem, a vida passa a ser assistida e traduzida como um jogo, um perde enquanto o outro ganha, ou melhor, o auge seria o modelo da loteria, enquanto um ganha, milhões perdem.

Jogo

Lutar, lutar, lutar, lutar.

Vencer, vencer, vencer, vencer.

Fracassar, fracassar, fracassar, fracassar.

Crescer, crescer, crescer, crescer.

Viver, viver, viver, oh, viver!

Fui entendido?

Aceito?

Morrer.

É esse o jogo da vida?

Ou a vida do jogo?

Vida, Seres humanos,

O que queres de mim?

Nem eu sei o que é a vida, nem o Ser Humano!

Imagina se saberei dizer o que queres, e porque queres?

Para conseguir desamarrar um nó, é preciso entender como ele foi feito. Não se pode forçar, arrebentar, esticar e fazer pressão. Desatá-lo exige estratégia, técnica, leveza, saber empregar a força adequada, compreender de que forma foi

realizado, quem o fez e porque foi feito. Na maioria das vezes somos nós, os costureiros, os criadores de nós, tanto para o sofrimento, quanto para alegria. A vida é um nó pedindo para ser desfeito. Ser líder é aprender a afrouxar os nós de seus liderados, entender como eles foram feitos, e porque foram feitos, dissecar cada modelo ou material que sustenta cada ligação, cada conexão que liga a outro

nó, ao emaranhado de vínculos, as vezes, o melhor é não desamarrá-los por completo, apenas apertar e refazer alguma ligação, fortalecendo aquilo que já existe, que deve ser sutilmente modificado, reelaborado, fazendo aquele movimento descrito no início de nossa temática, desafixar as lágrimas para que escorram ao rosto, para que este liderado olhe para trás e veja que ainda é necessário continuar a lutar veementemente, que nesta luta é que se encontra sua beleza, aquilo que se busca toda a vida.

Tirar as amarras de um ser humano é possível, mas se houver complemento.

Como duas partes se provocando. Duas bocas alimentando-se de um único corpo.

Como o bebê que encontra o seio materno e se deleita em pleno sentido. Um líder

só é um líder porque algum dia faltou um líder. O conceito de complemento quer dizer que, se não houvesse uma parte, a outra não existiria, nem se sustentaria, pois

não haveria sentido existir. Para construir um nó, antes é necessário precisar fazer

esse nó, depois que é preciso ter a linha e alguém para fazê-lo. Em nosso caso, o liderado é a linha; o líder, o costureiro, e o nó representa as ausências, faltas, aquilo que deve ser feito, preenchido, o desejo sendo realizado.

Além da Liderança: Devaneios de uma gestão

O amor é uma ótima opção para ilustrar esse conceito. Sócrates dizia que o amor não é. E que ele não existe se não houver ausência. Que a gente só ama porque falta. A busca não é pelo amor, mas pela ausência, pelo que ainda não existe, acreditando que um dia será preenchido, completo. A gente só ama porque perde. E ama mais quem sofre mais. Sócrates também deixava evidente que o amor é carência. Que ele não é poder, pelo contrário, é ser dominado. Que “o amor é fogo que arde sem se ver”. Não é divino nem humano. Que ele tem natureza divina e humana. Que nos deixa alucinados, delirando. E que, ao mesmo tempo, inspira as maiores virtudes. O amor está nas entrelinhas. Parafraseando, não seria isso o que os líderes andam buscando nas empresas, inspiração? Provocar incêndios nos talentos de seus colaboradores? Alucinar de paixão as pessoas que estão à sua volta? Inflamar o que existe de grande dentro de cada um? Passar por sofrimentos, desilusões, frustrações com tranquilidade? Quebrar paradigmas e vícios? Criar vínculos afetivos? Ser seguido por seus liderados alucinadamente? Daí me

pergunto: Será que um dos maiores erros nas empresas está na execução? Na comunicação? Na falta ou excesso de planejamento? Na quantidade de capital a ser investido? Na estrutura estratégica? Na falta de mão de obra? No mercado? Nas campanhas de marketing? Em manter um controle financeiro rígido? Na falta de tecnologias? Na área comercial?

Um incêndio interior, inflamado, não se faz com processos, estratégias ou controles. Do mesmo modo, também amplificando, podemos nos defender de todos ataques pessoais, mas nunca de um elogio. Os conceitos de administração ainda não conseguiu produzir estratégias tranquilizadoras, que resolvem todos problemas, porém, as pessoas com poucas palavras conseguem evitar pequenos problemas. Nós não tropeçamos em montanhas. Tropeçamos naquilo que é pequeno, que muitas vezes é tão pequeno que se torna invisível. As pessoas, como as empresas tropeçam no invisível. Henry Ford certa vez disse aos seus concorrentes, homens poderosos que queriam leva-lo as ruinas, que todos eles poderiam retirar suas fabricas, maquinas e dinheiro, mas que nunca iria permitir retirar seus homens, porque com eles reconstruiria tudo novamente. Henry Ford, no século XIV já sabia que o invisível era o segredo que movia tudo e todos. Era

o que levava os sonhos a se realizar, os desejos a serem desejados, o triunfo

coletivo. Este invisível está disfarçado na representatividade da inveja, ódio, ego, feridas narcisistas, traumas, vínculos pessoas afetivos cindidos, sentimentos ambivalentes, arrogância, inseguranças, ansiedades, culpa e medo. Qualquer um desses, quando amplificado coletivamente, destrói qualquer empresa, qualquer cidade, qualquer nação. As pessoas são o único meio que um líder tem para dominar e controlar esses instintos.

Onde estou?

Olho-me no espelho

E me vejo.

Mas não me sinto um ser humano.

Vejo-me.

Mas estou vazio,

Invisível.

Onde estou?

Invisível sou?

O invisível me consome.

Consome o mundo,

Que come e some.

Onde Estou?

O que não vejo?

O mundo ou o que sou?

Prefiro in-visivel,

Ser visto pelo lado de dentro,

Pelo mundo adentro.

Além da Liderança: Devaneios de uma gestão

Que me consome,

Que o espelho não traduz.

Onde estou?

Em dor ou próximo do amor?

Para aqueles, que pensa que o desafio é movimentar o capital, é simples.

Para pôr o dinheiro em circulação, devemos dar mobilidade a quem lida com ele, ou seja, às pessoas que o produzem. Do mesmo modo que não existe parque sem crianças, não existe dinheiro sem pessoas. O desafio desta verdade é entender como ela se representa, como se manifesta. Pessoas querem dinheiro, mas não querem se aprofundar no desenvolvimento humano. Apenas pessoas são capazes de produzirem dinheiro, e quanto mais preparadas, mais dinheiro se produz. Um ser humano angustiado não produz nada. Um invejoso destrói tudo a sua volta. O inseguro se fecha na sua improdutividade e inercia do dia a dia. O egoísta não consegue trabalhar em equipe. Um muito generoso descontrola a organização. O vitimado não trabalha, reclama. E assim por diante. A busca não deve ser pelo dinheiro, o dinheiro é o fim. Dinheiro são para os fracos, poder para os fortes. Contudo, não estou dizendo para usar da organização como Igreja ou qualquer

que

seja a instituição de caridade. Estou tentando dizer que o foco da liderança deve ser pelo vértice humano. Pela via que desafia a capacidade dos pensamentos mais

sofisticados, aqueles que dedilham a movimentação humana, seus enigmas e segredos. No seriado americano House of Cards, o protagonista que ambiciona o cargo de vice-presidente do EUA, em uma cena diz para Raymond, empresário bilionário "Você não pode comprar lealdade, Raymond. Não o tipo que eu tenho em mente. Se você deseja merecer minha lealdade, você precisa me oferecer a sua."

O Corpo

19

Leonardo Peracini

Não quero mais tratar do corpo.

Podem vocês ficar com ele.

Mas deixem a alma para mim.

O corpo é de vocês, para vocês.

A alma é minha!

Essa,

Eu não abro mão.

Quero tratar da alma.

Conviver com o sofrimento,

Que seja o do outro.

Quem pensa que é feliz

Não me interessa.

Quero os infelizes,

Os insatisfeitos,

Inquietos,

Os sensíveis.

Quero aqueles que sofrem da bile negra.

Quero as almas que estão morrendo de fome de liberdade.

Quero me deixar contaminar pela aura delas.

Essa sim,

Será a alma do meu negócio.

Será a felicidade o problema? Talvez, ela nos deixa preguiçosos, parados,

curtindo os momentos, inertes como gatos. Uma pessoa criativa, sensível, produz

mais do que alguém alegre, percebam os poetas. Seus manifestos saem de impulsos

que saltam a barreira de contato mental, são pinçados em devaneios, em

alucinações que transcrevem alguma verdade pessoal. Como estímulos pela sua

produtividade, fazem de tudo e suportam situações inimagináveis. Seu coração

sempre está batendo acelerado, como o de uma ave presa em desespero, mas não

pela dor, e sim, pela sua infinita condição humana, que se evidencia maior do que

ele mesmo. Entretanto, cuidado, não estou dizendo para alimentar situações que

deixem as pessoas infelizes, mas sim, com um sentido de vida, com uma fome

carinhosa de insatisfação por aquilo que se espera viver, construir, transformar.

Será que a felicidade aumenta a produtividade? O filosofo alemão, Friedrich

Nietzsche, que faleceu no ano de 1900, descreveu em sua obra prima, *Assim Falou*

Zaratustra, que “(...) todo o meu bem e meu mal se puseram a gritar em mim num

só grito. O mínimo, precisamente, o mais tênue, o mais leve, um roçar de lagartixa,

um sopro, um piscar de olhos... de bem pouco é feita a essência da melhor

felicidade. Silêncio!” Como complementa Nietzsche, é no mais simples gesto, nos

detalhes, de maneira fina e polida, como em um belo piscar de olhos. Grandes

lideres, pessoas que estão no patamar da interdependência já aprenderam que esses

detalhes, esses mistérios que se vestem como pequenos, quase invisíveis, geram

chaves que abrem portas afetivas, com o propósitos de engajar Neste espectro, os

detalhes finos, elegantes, como por exemplo, os elogios que saem da boca daqueles

lideres, diferenciados, com envergaduras abissais, que soam não apenas como sons

e palavras, mas como obras de arte, como também, os gestos acolhedores,

misturados com falas fortes, inflamadas de entusiasmos e otimismo. Conflitos que

se resolvem com gentilezas, tensões com autocontrole invejáveis. Antes de retomar

a pergunta, se felicidade aumenta a produtividade, é necessário introduzir esses

pensamentos, pois eles vem antes da felicidade, como do mesmo modo, o piscar

de olhos, antes dele, existem uma cadeia de estímulos autônomos, estímulos

conduzidos por processos elaborados, classificados, condicionados a um fim,

que

finaliza da execução do piscar de olhos, de maneira que seja voluntaria ou

involuntária. A resposta para essa pergunta parece simples, e seria sim, a felicidade

aumenta a produtividade, porém, a complexidade esquenta, quando adicionamos

o “como”, isto é, como aumentar a produtividade através da felicidade? A

complexidade aumenta ainda mais, porque cada ser humano sente se feliz de uma

forma, cada um tem seu modo de ser feliz, de sentir, de perceber aquilo que está a

sua volta, de gravar e conectar com determinados objetos, mistérios e sonhos.

Enfim, penso que talvez, essa obra poderia ser o início para começarmos a se

aprofundar nesta temática, com uma visão estratégica atemporal, objetivando

gestar novas potencias.

Lembro-me também de João Signorelli, ator brasileiro que, em suas

apresentações por todo o país, interpreta Mohandas Karamchand Gandhi, que me

fez lembrar o significado do porquê Gandhi recebeu o nome de Mahatma Gandhi,

que significa “A Grande Alma". Nomeação, penso eu, apoiada em um

existencialismo, em ideias perfeitas, mas que permitem o ser humano nomear, e

pensar, mas que servem como pontes de significados, aos quais, representam

demasiadas reflexões, como por exemplo, também, a ideia de mundo e Deus. Entretanto, um ser humano, com essa significância, nomeado de “Grande Alma” por outros seres humanos, remete, que talvez, sua moral, ética, necessidade interior de refletir, está além do tempo que se vive, que seus pensamentos servem como rotas, pontes, caminhos a serem seguidos, tanto é, que ficou conhecido mundialmente pelo seu modo de pensar, se posicionar e agir. Gandhi já dizia que a guerra externa inicia no interior. Impressionante como esse pensamento é poderoso, que vive em ebulição durante séculos porque se aproxima da verdade humana, vive como se um pensador passasse o bastão para outro. Neste prisma, todos os fatos, sejam ações contra a ética, a moral ou seguidas de culpa, começam, segundo Gandhi, começa com a luta interior, independente da moral seguida, da ética empregada. Tanto para Gandhi, como para os maiores pensadores, como Kant, Nietzsche, Descartes, o ser humano deve sempre se aprimorar, superando a si mesmo, se construindo, mesmo que seja necessário desconstruir algo, a fim de reconstruir melhor, buscando viver sempre para além de seu tempo. E nesta linha de pensamento, que é detalhada, invisível que se encontra a felicidade, felicidade esta nomeada por cada um, mas que constrói, modifica, transforma. E mais adiante, tentando pensar modelos para a felicidade, para que ela aconteça, sabemos que antes de sentir seu prazer, seu sabor, é necessário atritos, construções,

desconstruções, movimento interno humano, disciplina, o que sem dúvida,

poderíamos seguir o que Gandhi nomeou como guerras interiores. Aqui, não estou

fazendo apologia a guerras, confrontos, conflitos ou qualquer modo primitivo de

pensar. Nesta narrativa, estamos tentando ficar além dos instintos, em um

patamares do pensamento mais evolutivo, com funções do pensar diferenciadas.

Afinal, a maior ferramenta de um líder é suas funções mentais, líder que não pensa,

não lidera, sofre, vive angustiado.

O escritor brasileiro, Rubem Alves, que faz brilhantes metáforas, consegue

descomplicar o que está muitas vezes sublimado, em seu livro, intitulado, Rubem

Alves e Moacyr Scliar, citam a metáfora de um toca-discos que se comovia com a

própria música que tocava. Ele conta, que quando ela começava a tocar, o toca-

discos disparava a chorar e se desligava, com isso, a música era interrompida, pois

ele, naquele deleite, se dissolvia de tanta emoção. Como este toca-discos, vive um

grande líder, que se emociona com a própria música, que sabe que se a música não

tocar, o salão de festas não enche, e que na verdade, esse salão, é o seu salão

interno, onde tudo acontece, todos encontros e desencontros, ele também, sempre

neste movimento de reflexão, se questiona o porquê está tocando determinado

estilo de música, qual o tom, ritmo e volume a ser equalizado. Estar além da

liderança é isso! É se afetar com a própria música, afetando e ajudando também os

liderados a descobrirem seu repertorio, suas mais belas sinfonias.

A posição na empresa, o cargo que ocupamos, o ambiente de trabalho, as

ferramentas gerenciais, nosso corpo são apenas instrumentos para tocar a música.

O que acontece é que, em alguns momentos, os instrumentos se dissolvem, como

o toca-discos. Não conseguimos ser fortes o suficiente para aguentar tocar a

música, nossa “carcaça humana” não acompanha o ritmo, a sincronia, a magnitude

do sentido empregado. Do mesmo modo muitas mentes pequenas buscam

retaliações por não suportarem o impacto das transformações sinalizadas pelo

líder, por aquele que está além dos outros, que pensa de uma maneira singular,

talvez, abstrata, mas estrategicamente racional, produtiva. E para que esse patamar

seja atingido a falta de paixão por liderar é inadmissível quando se trata de tarefas

colossais. A quebra do campo simbólico dos liderados é a missão mais importante

que um líder tem, sua empreitada é ajustar, reconfigurar os significados de seu

grupo, transformando suas preconcepções em concepções, ideias em pensamentos,

estratégias em realizações. O risco desta ressignificação, é que tanto os liderados quanto o líder, podem caminhar inconscientemente para os dois lados, o da construção demasiada de prazer ou desprazer, isso vai depender da elaboração das ideias, dos significados e concepções ambicionadas. Nesta ebulição, “uma mão sobre o corpo pode causar muito desprazer. Tudo depende não do estímulo ou excitação enquanto coisa física, mas do sentido simbólico que está carregando.” Meus caros leitores, espero que o seu mundo seja parecido com o meu. Que se sintam atraídos. E, quem sabe, não se apaixonem um pelo outro. Entrelaçando e tornando um só. Almejo também que o meu ponto de vista e o seu se tornem outro. Algo além do que se nota. Mesmo vivendo trocando uma coisa pela outra, trocando ilusões, como havia dito Freud, penso que o que nós queremos não é vender ideias, marcas, produtos, empresas. O que pretendemos é vender são nossas estórias, nosso próprio mundo. As experiências. O nosso ser. Talvez, seja aqui nesse ponto que inicia o desafio. Como negociar estórias ainda não contadas? Que muda a cada minuto? E como vender algo que, quando se entende, não se compreende mais porque já mudou? Como suportar as estórias de outros seres humanos?

Queremos comercializar um mundo desconhecido, inconsciente, um mundo escrito através da arte e música. Estar além da liderança é conseguir produzi-las por meio de si mesmo e dos outros. Ser líder é saber dançar. Sentir. Elaborar concepções. Entender que "Decisões baseadas em emoção não são decisões. São instintos. Que podem ter valor. O racional e o irracional se complementam. Isolados, eles são bem menos poderosos." E para além de homem, a existência passa ser a tentativa da vida de saciar de forma cabal nossas faltas, que são constitutivas, porém criadas pelos desejos frustrados, que quando vivos, nos impulsionam a dor essencial, a paixão delirante de sermos melhores do que somos,

mesmo sabendo que nunca seremos o que idealizamos, alguns pela dor e amor aos

delírios da vida se aproximam de suas fantasias, que serão sempre inacabadas,

faltas faltantes. Entre esses estão alguns como Ludwig van Beethoven, Fernando

Antônio Nogueira Pessoa, Albert Einstein, Carlos Drummond de Andrade, Ayrton

Senna, Tim Maia, Viktor Frankl, Leonardo da Vinci, Friedrich Nietzsche, Platão,

Sócrates, Michel Foucault, Michelangelo di Lodovico Buonarroti Simoni, Rubem

Alves, Santo Agostinho, Paul Jackson Pollock, Sigmund Freud, Leonardo Boff,

Jesus de Nazaré, Vincent van Gogh, Pablo Picasso, Adélia Prado, Clarice

Lispector, Claude Monet, Wolfgang Amadeus Mozart, Johann Sebastian Bach,

Carl Gustav Jung, Alfred Adler, Jean-Paul Charles Aymard Sartre, Nelson Mandela, Arthur Schopenhauer, René Descartes, Santo Ambrósio, Jean-Jacques Rousseau, Zygmunt Bauman, Paulo Freire, Mário Quintana, Léo Tarcísio Gonçalves Pereira - Pe. Léo, Napoleon Hill, Thomas Edison, Alexandre, o Grande,

César Nunes, Luiz Henrique Milan Novaes, Alcides Souza, Renato Mezan, Jacques Lacan, Melanie Klein, Wilfred Bion, você e centenas, milhares de seres humanos. Todos conseguimos acessar o que há de mais profundo e inconsciente. Basta desejar suportar a si mesmo. Alguns chegam a um ponto de transformação que conseguem impactar a humanidade. Entram sem pedir licença na vida de muitas pessoas.

Homem Vampiro

O meu sangue me mantém

Vivo,

Quando eu escrevo sinto

Que estou vivo,

Quando eu escrevo com meu próprio sangue,

Sinto

Que não sou eu.

Entretanto,

Quando leio um bom livro,

Sinto que sou eu,

Um vampiro,

Bebendo o sangue de outro homem.

Alimento-me não de sangue,

Mas do espírito dos homens

Que um dia doaram não o sangue

Mas o seu ser.

Atualmente, assistimos a muitos seres se devorando por tentar vender o seu

mundo. Mas o que acontece é que aquilo que está à venda é conhecido, uma cópia

que não sustenta e gera pouco sentido de vida. Uma grande multidão está se

esforçando para colocar na prateleira seu universo. Uns fazem até promoções,

ferindo o caráter e as leis. Usam-se as melhores técnicas, embalagens, cheiros e

meios de sedução. É a feira do mundo que já passou. Está à venda o que não é

exprimido, mas seres humanos “piratas”.

Mas quem faz da sua vida e do seu trabalho uma poesia, obra de arte,

música, esse sim tem um “mundão” pela frente. Ele não vive em um “mundinho”,

como é dito no senso comum. Esse ser está sendo. Se construindo a cada momento.

Ele sente instantes de quase morte e também de vida. Não coloca anos em sua

existência. Põe vida em seus anos. Ganha o presente.

Presente

Eu não gosto tanto de ganhar presente

Comparado quanto eu gosto do presente.

O que eu gosto mesmo,

É de ganhar o presente.

Ter presente é bom,

Mas ser presente é melhor ainda.

Que presente

Ganhar um presente,

De um ser presente!

Além da Liderança: Devaneios de uma gestão

Isso sim

É ganhar um presente,

Ganhar o presente

Do presente.

É mais fácil ganhar presente

Do que dar presente.

Difícil mesmo

É ser presente,

O presente,

No presente.

Um dia,

Estarei embrulhado para presente,

Deixando o presente

Sem levar presentes.

Serei levado

Pelo presente,

Tornando-me ausente.

Será esse

Um presente?

Como havia dito, em alguns trechos, por ansiedade, tentei fazer um artigo e não consegui. Saíram, então, pedaços menores, poesias e versos. São devaneios, meios que encontrei para me comunicar. Sinto-me mais à vontade deixando fluir naturalmente. Ainda bem que existem pessoas como Adélia Prado, que nos provoca e ao mesmo tempo nos conforta: " Quando julguei que tinha encontrado todas as respostas, veio a vida e mudou as perguntas! " . Estou também confortável

para responder com uma escrita diferente.

A publicação deste livro, *Além da Liderança: Devaneios de uma Gestão*, é

uma tentativa de provocar o potencial daquele que o lê. Estimulando o amor por liderar, mesmo que seja por meio do sofrimento. É um convite para afirmar a existência como vida, assumindo toda e qualquer responsabilidade por ela. Enxergar e sentir intensamente cada momento e sabor nos movimentos mais profundos da liderança. Aprender a eternizar, como pensou Adélia Prado: “Aquilo que o coração amou fica eterno” . Como também escreveu em seu livro, *A Psicoterapia na Prática,* o psicanalista dr. Viktor Frankl, que afirmou que o homem só se torna homem e é completamente ele mesmo quando fica absorvido pela dedicação a uma tarefa e se esquece de si mesmo a serviço de uma causa, ou no amor a uma pessoa. É como o olho, que só pode cumprir sua função de ver o mundo enquanto não observa a si mesmo. O sentido tem um caráter objetivo de exigência e está no mundo, não no sujeito que o experiência.

Entretanto, com efeito, caso seu universo seja diferente do meu, espero que eu consiga causar sabor durante a leitura. Como disse o filósofo alemão, Friedrich Nietzsche: “A mente é um estômago”. Digerir ou ter indigestão. O processo é natural, fisiológico. Mas, mesmo assim, insisto com o convite. Poderíamos até completar e parafrasear com as Escrituras Sagradas, em Apocalipse 3:16 "Seja quente ou frio. Não seja morno, senão te vomito". O processo é assim. Mesmo para essa leitura, ele deve ser quente ou frio, mas não morno, pois cada um está em

um

tempo. Em um estágio. Quem sabe, caso a leitura não “desça” hoje, poderá fazer

isso em outro momento. Ou como Rubem Alves nos convida a olhar diferente, “o

prazer engravida, o sofrimento faz nascer”. Embora a leitura esteja sofrida, alguma

reflexão ou crítica valerá a pena. Algo irá dar prazer ou nascer dentro de você.

Lembre-se de que este livro e você serão uma mistura. Se não sair coisas boas, é

que nós, misturados, resultamos em algo indigesto.

O nosso corpo é assim, um centro de batalhas. Lutamos diariamente contra

os modelos e mapas emocionais que criamos ou que foram implantados pela

natureza do homem. Tem hora que é preciso se esquecer do homem velho e se

vestir do homem novo. Claro, não se esquecendo do passado, mas sim tentar

compreendê-lo, entendê-lo, aproveitá-lo.

Além da Liderança: Devaneios de uma gestão

Passado

Não me importa mais o passado,

Ele já passou.

Mas hoje

Estou passado,

Porque o passado voltou,

Virou presente.

Será que o passado se imortalizou?

Estou passado,

Parece-me que o passado,

Não passou.

Hoje imploro,

Para que esse sentimento seja passageiro.

Serei eu

O passageiro do passado?

Estou passado!

Sou passado?

Antes do passado,

Eu não era ninguém.

Depois do passado,

Eu me tornei alguém.

Mas o que me importa hoje

Não é o passado.

É o passageiro,

O alguém.

29

Leonardo Peracini

Caro leitor, peço licença para continuar e iniciar as paradas programadas

para essa viagem. Caso queira continuar, terei a alegria de ser seu mais novo amigo

livro. Desejo-lhe que, ao longo destas paradas ou fragmentos literários, você tenha

uma bela experiência de quase morte e reflita sobre o que está fazendo para se

superar. Como já dizia Friedrich Nietzsche: “É preciso haver morte para superar a

si mesmo. É preciso ter um caos dentro de si para dar à luz uma estrela dançarina.

E, com os teus venenos, preparar o teu balsamo”.

Além da Liderança: Devaneios de uma gestão

Antes de começar a liderar, entenda primeiro o que fizeram de você

Nenhum olho brilha se a alma antes não brilhar.

Você já se deparou com situações nas quais as decepções dominam suas

expectativas? Freud dizia que o homem é um ser frustrado. Sempre que estamos

envolvidos com algo grandioso, as frustrações tendem a ser maiores. Pensando e concordando com Freud, qual seria o primeiro passo para realinhar as esperanças e modificar as rotas, para tentar, mais uma vez, oxigenar a alma e continuar a liderar com sentido? Como manter o famoso “brilho nos olhos”? Quando descrevo a palavra “brilho”, lembro-me por que as pessoas dizem que as almas são brancas e iluminadas. Nenhum olho brilha se a alma não se iluminar. Nas Escrituras Sagradas está escrito que os olhos são as janelas da alma. Para eles brilharem de alegria, a alma deve estar inundada de sentido.

O filósofo Jean-Paul Sartre afirmava que primeiro é preciso descobrir o que fizeram de nós para depois entender o que nos tornamos. Entretanto, o mais importante é decidir o que vai ser feito com o que fizeram de nós. Isso sim é mais relevante. É parar, pensar e assumir a responsabilidade pela própria vida, pensando em seu valor e tempo desperdiçado. Sartre complementa dizendo que, cada instante que passa, não é um minuto a mais de existência, mas sim de morte. Parece angustiante essa reflexão, mas ela é um grito de desespero a favor do sentido da vida. Nenhum líder consegue chefiar se não houver objetivo. Deve-se também

pensar sobre o que foi e o que é a verdade em nosso entendimento, se é que ela existe.

Para sentir o poder da liderança agindo, é aconselhável resgatar as verdades mais profundas, buscar as raízes, crenças e a cultura. Entender o que foi formado durante esses anos. Pergunte para você mesmo. Quais foram os valores e crenças que construí até aqui? Como foi formado o meu caráter? O que preciso para dar o maior salto de todos? Imagine se o relógio da sua vida parasse em 24 horas. O que você faria nesse tempo? O que falaria e para quem? Que falta você faria? Essas provocações servem para exprimir as mais variadas essências humanas, mas não são suficientes para o total entendimento. Portanto, por que utilizá-las? Porque nenhum líder consegue liderar ninguém se antes não entender a si mesmo. Compreender seu estilo, método, perfil, valores e caráter. Quando ouvimos que o líder precisa inspirar seus colaboradores, na realidade, essa afirmativa está tentando dizer que ele tem como missão provocar a essência de cada liderado, como se este fosse uma ferida e o líder aquele que coloca o pus para fora, curando-o. O objetivo principal é libertar em seus liderados todo o potencial puro represado.

Entretanto, nuca tente libertar seus colaboradores se não sentir que você está livre.

Caso contrário, o veneno toma a forma de julgamentos, críticas, angústias,

ressentimentos, noites mal dormidas e perda do sentido de viver. Seria como tentar

expulsar o pus da ferida, mas, em vez de ele sair, aumenta pela pressão imposta,

inflamando ainda mais. Com isso, a alma não fica limpa, escurece e apaga o brilho

dos olhos. Esse movimento no mundo corporativo está associado com a perda de

grandes competências essenciais ou talentos humanos. Se este capítulo já passou

pela sua vida, seja como líder ou liderado, saboreie cada momento, porque é neles

que aperfeiçoamos nossas forças e redescobrimos valores e virtudes adormecidos,

represados até então.

Descubra qual é o seu limite, respeite as leis fisiológicas, tente entender que

não podemos viver do passado e que não conseguimos mudar o futuro de uma hora

para outra. Tudo tem seu tempo. Cuide do que você tem de mais precioso dentro

de si mesmo. Sua essência. Oh, Fernando Pessoa, que dizia: “Posso ter defeitos,

viver ansioso e ficar irritado algumas vezes, mas não esqueço de que minha vida é

a maior empresa do mundo e que posso evitar que ela vá à falência. Ser feliz é

reconhecer que vale a pena viver apesar de todos os desafios, incompreensões e

períodos de crise. Ser feliz é deixar de ser vítima dos problemas e se tornar um

autor da própria história. É atravessar desertos, mas ser capaz de encontrar um

oásis no recôndito da sua alma. Ser feliz é não ter medo dos próprios sentimentos.

Saber falar de si mesmo. Ter coragem para ouvir um não! E segurança para receber

uma crítica, até mesmo injusta. Pedras no caminho? Guardo todas, um dia, vou

construir um castelo".

Não deixe os problemas acabarem com você. E não queira ser um super-

homem. Tente descobrir como superá-los de forma grandiosa, sem causar impactos

em você e no que está ao seu redor. Problemas e preocupações sempre vão existir.

Olhe para dentro e descubra quanto ainda pode ser criado. As pessoas não foram

criadas para as empresas, mas sim as organizações, para elas. Respire...

Respiração

Eu inspiro

Para me provocar.

Eu expiro

Para não me entediar.

Eu inspiro, eu expiro,

Eu expiro, eu inspiro,

No final,

Eu respiro

Para continuar a caminhar.

Imagine você, hoje, com 20% a mais de determinação, disciplina, empatia,

alegria e amor. Pense em seus colaboradores com esses 20% a mais. Como seria?

São pensamentos assim que estão *Além da Liderança*. Eles têm sua base em

propósitos e no sentido da vida. É um caminho que alimenta e que gera valor

compartilhado. Não é fácil, pode apostar. Mas é diferente, gratificante e deixa a

alma sempre branca e iluminada. Não se esqueça de que, depois de entender quem

você é, a próxima missão é exprimir o que existe de mais valioso em seus liderados.

É dar sequência ao movimento da roda que você iniciou ou que vem ajudando a

girar. É se embebedar de beleza todos os dias.

Beleza

Cansei,

Sem mais delongas!

Não quero mais fazer limonadas,

Tão pouco chupar os limões.

Estou me desviando

Do que não é belo.

Quero encontrar a beleza,

Mesmo me desencontrando dela.

Queria eu ter nascido quadro

Para viver vestido dela.

Queria eu ter nascido toca-discos

Para me derreter ouvindo-a.

Queria eu ter nascido página em branco

Para viajar com ela.

Queria eu ter nascido panela,

Para não deixar de sentir seus vários sabores.

Queria eu ter nascido coração,

Para passar a vida inteira bombardeado de incompreensão.

Beleza eu

Nunca teria nascido.

Mas me sinto confortado e consentido

De apenas me sentir perseguido.

Você tiraria a sua própria vida pela empresa em que trabalha?

Todo mundo tem a necessidade de ser especial. Toda defesa é uma forma

de salvar o indivíduo.

Houve um tempo em que só se cobrava de um líder conhecimentos,

habilidades e atitudes. O famoso CHA, estudado e inserido no mundo corporativo

pela escola de Harvard. Esse conceito é apresentado em quase 100% das palestras

ou cursos de gestão. Os gestores mais experientes não aguentam mais ouvi-lo.

Alguns já até inovaram e acrescentaram letras, como VE, que agora é chamado de

CHAVE. O conceito melhorou, porque temos a letra V, que trás o significado da

palavra “valores” e o E de “entorno”. Ou seja, o ser humano passa a ser colocado

em xeque de uma forma ampla. É bom. Mas isso não significa que essas duas letras

vão transformar algo. Como se diz no senso comum, “o negócio é mais embaixo”.

Se você ainda não conhece o conceito CHAVE, vale a pena estudá-lo. Pelo menos,

passa a impressão de que uma nova porta pode se abrir. Tenho esperança que movimentos como esses sejam frequentes e ajudem a sensibilizar todos que acreditam na liderança como meio de transformação do indivíduo. Eis uma das chaves para tentativa de mudança. Mudar para uns não é possível, para outros é fácil, ambos estão errados é possível sim mudar, mas não é fácil e muito difícil. Muito está se falando em motivar as pessoas, criar um ambiente agradável, pagar incentivos monetários, pregar que todos devem pensar de forma positiva e solidária. Mas pouco se fala dentro das empresas sobre como aumentar a motivação e fundir grandes sentidos. A palavra motivação está sendo bastante

usada de modo figurado. Alguns até se esqueceram de que, para estar motivado, é

preciso ter uma razão. Algo em que se apegar. Que gere valor, ação e sentido. Ninguém faz nada se não houver um motivo. O líder precisa descobrir com seus colaboradores quais são seus verdadeiros motivos e ansiedades. O que os fazem estar ali trabalhando? Seus para quês? Essa dinâmica individual é uma atuação da

dinâmica em grupo. Indivíduos são únicos, como grupos também, seu modo de funcionar é oscilatório, varia de acordo com o meio externo e percepção dos desafios pelo grupo. Grupos sentem, como sentem uma pessoa, ficam ressentidos,

fortalecem sentimentos invejosos, alucinam como bebês. Neste contexto, aquele que tem o desafio de conduzir, deve estar preparado para lidar com emoções fortes, reações inesperadas e se preparar para administrar dentro de si suas inseguranças, porque liderar é lidar com incertezas. As vezes muitos tentam até prever o que pode acontecer, é possível, porém, isso é para poucos, para aqueles que já acumularam grandes experiências, presenciaram situações que se tornaram parte de sua própria personalidade, que hoje, ao estar à frente, conseguem não liderar um grupo só com inteligência e lucidez, mas sim, suportar realidades, verdades, conseguem elaborar ataques, ameaças, fatos imprevisíveis.

Atrai-me muito comprar o modelo materno com a organização, com base nas reações emocionais das pessoas, onde o bebê, para sobreviver, é cem por centro dependente de sua mãe, acorda porque tem um interesse, que é simplesmente resolver uma frustração, algo que está incomodando e que não aguenta resolver sozinho, como por exemplo, fome, uma fralda molhada de urina, cólica, inúmeras outras situações poderíamos descrever. Contudo, o que importa é a capacidade da mãe em saber lidar com a frustração de seu bebê. Do mesmo modo é um líder, precisa ser suficientemente bom para lidar com a frustração do grupo, de cada indivíduo, e consigo mesmo. Quando o bebê encontra o seio, a mãe, que resolve

sua frustração, ele se sente em paz, satisfeito, pronto para degustar o prazer. Com o líder não é diferente, quando a vitória chega, uma meta é atingida, um propósito é edificado, o grupo sente como o bebê, satisfeito com prazer de trabalhar, de seguir adiante, de que valeu a pena superar tais frustrações. Aprofundando mais, o líder tem o papel de suportar aquilo que o grupo não consegue, elaborar o conteúdo

latente, e devolver na intensidade adequada para o grupo, onde todos, devem entender e elaborar cada movimento angustiante, de medo ou ansiedade.

Se existe um caminho, seria compreender se as expectativas dos liderados estão alinhadas com as da organização. Lembre-se de que motivo mais ação é igual à motivação. E, para obtê-la, é necessário enxergar o fim, o sentido. Ter um ato de fé de que aquilo que está sendo feito é verdade, fará bem para si e para os demais.

Motivação tem de gerar esperança. A razão pode estar no passado, mas o objetivo de ter um motivo é o futuro. Não é para isso que trabalhamos? Para ter um futuro melhor? Mas nada irá acontecer se todos não estiverem engajados. O caminho para isso é motivar os liderados a ter esperanças. Rubem Alves escreveu:

“Se eu souber onde mora a minha esperança, terei razões para viver e morrer. E a vida ficará bela mesmo no meio das lutas. Sei muito bem em que minha esperança não está”.

Ter expectativa nas empresas é saber projetar um futuro que gere motivos, motivação. Mostrar que é possível fazer com que todos lutem pela mesma causa. É alinhar as razões aos laços emocionais profundos e inconscientes, criando vínculos saudáveis, subjetivos. É fazer pontes, exprimindo sentidos. O dr. Freud afirmava que existem dois tipos de laços emocionais: “Um é a ligação com aquilo que é amado, e o outro surge do senso de aproximação e de pertencer. Se existir significativa similaridade e senso comum entre as pessoas, é possível conexão emocional. E ela é um suporte poderoso da sociedade humana" . O líder é aquele que faz a ponte entre o indivíduo e seu propósito. Ele leva seus liderados à beira do rio, mas diz, que atravessar, só depende de cada um. Ele traduz desamparo em segurança, desespero em lucidez, ansiedades em resultados, rigidez mental em mudança. Ele tem o papel de perguntar para sua equipe, se já tornaram aquilo que deveriam? Se já conseguiram nascer!?

Aquele que busca uma liderança, busca outro, outro que não seja a si mesmo, busca alguém a se inspirar, alguém que satisfaça suas imperfeições, que complete o que falta, que sonhe junto, que busque ideais que estão acima daquilo

que se é, que seja diferente, novo naquilo que já experienciou, está sempre atrás de

um discurso melhor do que o seu, está cansado, insatisfeito por ter que martelar na

mesma matéria todos os dias, de ter que viver escravo de si, da mesma coisa que

se tornou. Este, caminhante do nada, da busca do outro pela busca de si mesmo,

quer se consumir, consumindo o próprio consumo, solicita desesperadamente a

compreensão de outro, de alguém que possa responder suas perguntas, que possa

entregar alguma migalha de verdade, que consiga anestesiar por algum tempo suas

angustias e faltas, que maximize a força dos seus desejos, desejos esses, jamais

realizados. Ele busca outro que o faça compreender que desejos já realizados, não

são mais desejos, são fragmentos de passado, de representações simbólicas,

transformados em objetos internos, coisas-em-si, podendo serem recondicionados

a fontes de novos desejos. A busca pelo outro está amarrada na ideia de que alguém

será o salvador, aquele que consiga ajudar na sustentação de quem se é no mundo,

que guie os instintos, personalidade, natureza daquilo que é representado no

cosmos. Na verdade, aquele que busca, busca chegar em algum lugar; busca se

aproximar de si, daquilo que tem que ser. Ninguém muda, todos se aproximam

daquilo que possam vir a ser. Cada natureza tem um caminho a ser percorrido, uma

fonte em que beber, um proposito, um sentido a buscar na vida. A possibilidade de

encontrar alguém que oferte ajuda, possibilidades para se chegar naquilo que se é,

é tentador, ao ponto, de estar sempre embasado no aparelho de pensar pensamentos

o que realmente é esta verdade tentadora. Pelo vértice da análise da verdade, a

tentação vem das emoções, sensações, sentimentos que se extrai do mundo, a

verdade em si é dor, angustia, insatisfatória, insuportável. O que se busca é sentir

sentimentos verdadeiros, isto é, sentimentos com fragmentos de verdade, não se

busca sentir verdades e nem só sentimentos, a mistura que é a formula que provoca

o vício, que cria as necessidades dos desejos, das perguntas, das respostas

incompletas, dos símbolos não simbolizados como se deveria, da vida ainda não

vivida.

O discurso, é o que temos para existir no mundo, ele se transveste em

fantasias, ideologias, lógicas, verdades, sentimentos. Quando se transpõe a ser

conduzido pelo discurso do outro, se abre mão daquilo que é, contudo, deve-se

propor para si mesmo, que para seguir adiante, é necessário deixar se conduzir,

não pelo outro, mas por si mesmo através do outro. Esse movimento entre

condução e ser conduzido, deixa aquele que busca, parecido consigo mesmo. É inevitável não navegarmos no discurso de outro, quando mal percebemos somos atordoados por ideias, ideais, formas novas de pensar, sentir. Isso acontece, porque existe uma surdez imaginária, que impede que representações com conteúdo pujantes, de campos simbólicos sólidos, se manifestem ao ponto de criarem experiências que force a própria experimentação, ou seja, o consumo de si mesmo.

Toda essa agressividade interna é bombeada, não pelo ódio, amor ou conhecimento, mas pela carência de sobrevivência, de manifestar a singularidade da natureza interna, das sonatas ainda não tocadas.

Outro motivo de busca, de apego, é pela surdez do pensamento, daquele que tem dificuldades de gerenciar seu aparelho de pensar pensamentos, daquele que vive pela e a favor de suas emoções, que falha quando deve buscar maneiras mais evoluídas de se colocar no mundo, de tomar decisões assertivas, de viver lucido em meio ao caos, de não negar a sua existência, lutando para que esta surdez do pensamento não se torne, uma surdez completa do real, da realidade, do consumo de verdades, da negação do tempo, daquilo que se viveu, vive, e está por viver.

Pense quanto as organizações falham em direcionar seus colaboradores e provocar suas singularidades, seus motivos, parece que existe um baile em que

dança apenas alguns, por isso, que para muitos, melhor é não ir ao baile do que

estar lá. A sensação de quando o discurso da empresa está indo em conjunto com

o propósito do grupo, do líder, daquele que está à frente tentando prover alguma

resposta, algum fragmento de verdade, é manifestação daquele fenômeno, de que,

quando muitos estão voltando da festa animados, entusiasmados, cansados,

exaustos de terem dançado a noite inteira, de não dormirem, sentem que estão

vivos. Faça apenas um teste. Pergunte para seus liderados se estão felizes com seu

trabalho? Se sentem motivados a enfrentarem desafios maiores? Se estão dispostos

a mudarem, sentirem mais dor? Pergunte porque ele está ali? Onde quer chegar em

sua vida? O que ainda deseja? E como foi realizar seus desejos? Quem ele é agora,

depois de ter entrado em contato por algum tempo com a proposta da empresa? Se

sente que está se divertindo em um baile? Faça isso, perguntas são poderosas, são

meios para retirarem o silencio do grupo, de descobrir qual o próximo movimento

que está por vir, para onde deve-se seguir em maio ao caos.

O outro da empresa é seu colaborador, e vice-versa, ambos, entram no

discurso do outro, como uma simbiose, que provê metamorfoses naqueles que

estão dispostos a se entregarem a sua natureza. Jamais a natureza de uma empresa

é exclusivamente ganhar dinheiro. Dinheiro e metas só servem para marcarem

placar. A natureza de uma empresa é sobreviver. Observem quantas empresas

multimilionárias falem de um dia para o outro devido a mudanças de mercado,

corrupções internas, crises. Do mesmo modo, a natureza daquele que segue a

empresa é se realizar, buscar se aproximar de sua natureza, transpor sua matéria a

realidade, fazer com que seus desejos sejam realizados, provocando novos desejos,

suportando a si e aos seus outros que buscou, até que se consiga olhar para trás e

tentar esboçar algo que signifique, simbolize seu chamado “legado”, sua

existência, que tente dizer para si, que sua vida não foi jogada fora, que valeu a

pena apesar de tudo, que teve significado para si e para outros, que não foi apenas

mais um existindo em meio a tantos outros. Se tanto a empresa, quanto o indivíduo

olharem para trás e verem que existem significados grandiosos, que deram sentido

às suas vidas, a dor, certamente, não será a escolha de vida de ambos, será parceira

de trabalho. Com esse movimento, não existirá para o líder, quanto para empresa,

limites para se pensar, construirão, juntos, seus objetivos, sonhos, ideias e ideais;

realizarão suas inspirações, e se complementarão no mais breve e profundo

suspiro

de que mais uma etapa foi superada, aperfeiçoada, reconhecida e provocada pela aquela fagulha, que certo dia, invadiu seus corações e mentes, entrou, sem pedir licença, se transformando em um modelo que possibilitou mais um passo na evolução, entre Eus e Outros, mas também, que sempre existiu, vivia adormecida,

e agora, se lançou no abismo, possibilitando sua manifestação, sua existência singular, subjetiva ou axiológica, sua natureza em si, contagiada pela existência primaveril, segue pulsante, imortal, seguindo os seguintes. Da mesma maneira, como nenhuma carta poderá sair de um baralho sem que antes nele estivesse, também toda dinâmica da produção, êxito, sonoridade clara de trabalho, depende da parceria entre empresa e empresários, líderes e liderados, discurso do eu e do

outro, do envolvimento vitalício daqueles que se comprometem a existirem de verdade. Logo, todos, completam-se em uma só unidade, se repartem, com a possibilidade de extraírem do nada, pontes que abrem novas perspectivas, minimização de dores e fracassos, seguindo, incansavelmente, construindo novas narrativas, perspectivas, esperanças, novos desejos, individuais e coletivos, na busca imperfeita de transformarem desertos em oceanos, morte em vida, nada em

+ nada.

Muitos dizem que o problema está na comunicação entre o topo da pirâmide (nível estratégico) e a base (operacional). Não se iluda. Essa afirmativa é apenas a ponta do *iceberg*. Você deve estar se questionando, como pode os meios de comunicação avançar tanto e o problema maior ser ela? Que paradoxo é esse? Entretanto, não compartilho da mesma fé de se apegar apenas a conceitos estratégicos. Muitos servem para diminuir a ansiedade, inseguranças, criar esperanças e levar a zonas de conforto. Outros acham que os processos e procedimentos precisam ser melhorados. Com isso, investem e criam mais tipos deles. Esse é mais um verniz que o mundo corporativo passa para fugir da humanização. E o curioso é que todos estão vendo isso acontecer diariamente, mas não querem enxergar. Convenhamos que não existam processos para motivação. Ela é gerada por meio da transformação contínua do sentido do ser. É quando há um clima saudável, de vida, com a liberdade e a responsabilidade andando juntas.

Liberdade

Esforcei-me para ter liberdade.

Quando a conquistei

Assustei-me.

Não sabia o que fazer.

Novamente,

Voltei a me prender.

A correr atrás da verdade.

Além da Liderança: Devaneios de uma gestão

O líder não entrega o sentido à vida de ninguém, seria até injusto pensar

assim. Toda existência tem seu sentido. O que ele faz é provocar seus liderados

para descobrirem suas vontades profundas. Se você lidera, não entregue algo

pronto ou modelado. Evite os padrões. O engajamento só acontece quando os

colaboradores descobrem os porquês e para quês. Sentindo que sua existência está

dentro da empresa, e não fora dela. Eles têm de pensar que estão vivendo como um

único ser, e não em função do lugar social ou econômico, elogios, ou qualquer tipo

de categoria social.

Ser

Tentei ser alguém

E acabei me tornando ninguém.

Hoje sou ninguém.

Levo comigo a angústia, o medo,

A ansiedade,

O vazio e a confusão.

Descobri em que fracassei:

Tentei ser alguém,

E esqueci-me apenas de ser.

Como a fênix,

Retorno ao pó,

E a chorar

Pela vontade de vida.

Espero eu

Que minhas lágrimas

Façam renascer a vida,

Como um dia fez a fênix.

Não quero mais tentar,

Ser alguém.

Quero ser.

Apenas,

Ser sendo.

Vou lhes dar um pensamento do filósofo alemão Friedrich Nietzsche,

expressado em uma das cenas do filme *Quando Nietzsche Chorou*, baseado no

livro homônimo de Irvin D. Yalom: “Se você tivesse de viver inúmeras vezes. Sua

própria vida já vivida. Sem haver nada de novo nela. Cada dia, dor e alegria iriam

se repetir, retornando para você mesmo, na mesma sequência, do mesmo jeito.

Várias vezes. Imagine o infinito. Onde cada ato escolhido seria para sempre. E

toda vida não vivida permaneceria dentro de você, pela eternidade. Como seria?

Gosta dessa ideia? ” . Essa é uma pista para encontrar o engajamento mais

profundo. O laço entre o sentido e o motivo.

Como havia dito anteriormente, os processos não são suficientes para

transformar as pessoas e organizações. Deixo claro que não tenho nada contra. Eles

são fundamentais para a sobrevivência de qualquer organização. Mas reforço: a

atenção deve sempre estar nos indivíduos. Sem direção de propósito, nada

acontece. Sem motivo, a chama não acende. O leão continua a dormir.

E você, se sente inspirado, direcionado e motivado? Quais são suas

expectativas? Tem claro e sabe o que precisa ser feito? Seus liderados entendem

por que estão ali? Convido você a se perguntar por que um homem explode o

próprio corpo em prol de uma causa? Deixando na maioria das vezes esposa e

filhos. O que faz um ser humano acreditar tanto em algo? Que motivo seria esse?

Que capítulo ainda não foi inserido no planejamento estratégico de muitas

empresas? Que conhecimento não foi difundido para as equipes? Qual habilidade

não foi desenvolvida? Que nível de engajamento é esse? Está valendo a pena gastar

Além da Liderança: Devaneios de uma gestão

a sua vida na organização em que trabalha? Se sim, parabéns, aproveite ao máximo

cada sabor, pois a busca é eterna! Com certeza, você e sua empresa estão tendo

grandes motivos para se deleitarem.

Não venda sua vida para líderes ou empresas que não têm motivos. Não vale

a pena. Essa escolha não possui razões. Além de correr o risco de se contaminar e

passar para o grupo que é conhecido como desmotivados. Você não assume a

responsabilidade pela sua vida.

Vida

Quero embriagar minha vida

Com alegria.

Quero escrever sobre ela,

Para ela.

Quero tentar entender

A vida,

Mesmo não a compreendendo.

Morrer está muito fácil.

Viver é que está difícil.

Viver então com vida,

Quase impossível.

Mas já está decidido,

Eu só quero escrever sobre a vida.

Não quero escrever sobre técnicas,

Para isso, é necessário técnica.

Escrever sobre a vida

Vai ser um belo desafio.

Vou ter de tentar viver

45

Leonardo Peracini

Duas vezes

E acreditar

Que, após o parto,

Existe vida.

Além da Liderança: Devaneios de uma gestão

Sementes ideológicas da liderança

Prazer muito prazeroso é loucura.

Tentar idealizar uma liderança é mais uma chance de refletir sobre como chegar à perfeição da administração dos movimentos ou mudanças geradas pela transmutação das pessoas e do mercado. Esse sempre será o papel de um líder, pensar para transformar. É impossível fantasiar uma liderança baseada em líderes fortes se não usarmos um machado para arrancar, pelas raízes, os paradigmas encontrados atualmente na sociedade e nos modelos de gestão oferecidos pelo mercado. Observem a enxurrada de conceitos que a todo momento confundem e engessam as lideranças. Mais uma vez, muitos tentando ganhar dinheiro e poder com as famosas fórmulas mágicas. Antes assim do que tentar novamente criar uma raça superior, como a ariana. Ou impor verdades que não existem. É impressionante como esses conceitos de criar padrões, fórmulas e fugas da

realidade são superficiais e servem apenas de anestésicos. Eles alimentam e

conservam as lideranças fracas. Congelam e destroem o que um líder tem de mais

poderoso, sua autenticidade e originalidade. Depois, muitos se perguntam por que

existem tantos líderes inseguros. Por que as pessoas estão mais frágeis e tristes no

ambiente de trabalho. A resposta é simples. Elas não estão sendo o que são. Foram

seduzidas pelo modelo de sucesso que o capitalismo impôs. Como uma droga que

encanta, seduz e diminui as transformações, forças e vontades de se superar. São

fórmulas que prometem manter o controle de tudo. Como um alimento no micro-

ondas, que, em segundos, fica pronto. O mercado está dizendo: “Quer liderar? É

simples. É só seguir as dez regras X ou Y”. Meu caro amigo, é preciso

urgentemente quebrar essas tábuas que prometem os mandamentos da verdade. No

Prefácio do livro *Em Busca de Sentido*, escrito pelo dr. Viktor Frankl, ele diz: “Não

procurem o sucesso. Quanto mais o buscarem e o transformarem num alvo, mais

vão errar. Porque o sucesso, como a felicidade, não pode ser perseguido; ele deve

acontecer e só tem lugar como efeito colateral de uma dedicação pessoal a uma

causa maior que a pessoa, ou como subproduto da rendição pessoal a outro ser. Quero que escutem o que sua consciência diz que devem fazer e coloquem em prática da melhor maneira possível. E então verão que, em longo prazo - estou dizendo em longo prazo! -, o sucesso vai persegui-los, precisamente porque se esqueceram de pensar nele ”.

Liderar, novamente, é entender os porquês e para quês. Ajudar as pessoas a se auto superarem. Provocar e estimular a transformação dos valores humanos. Lutar pelo conhecimento e originalidade. Ser autêntico é escapar do rebanho, tornando se um líder que vai além da sua liderança.

Um grande amigo, certa vez, em uma de nossas trocas de e-mails, sobre o tema liderança, presenteou-me com uma reflexão que dizia: “Você está no controle quando não está nele. Os movimentos devem acontecer sem que precise estar controlando. Estimule seus colaboradores a criar e dê liberdade. Se errarem, estará apreendendo ”.

Essas provocações reforçaram ainda mais em mim que o sentido ou significado de controle é uma ilusão. Controlar nós mesmos já é impossível, imagine fazer isso com os outros. Penso que esta é uma semente que deve ser plantada e regada pelas novas águas da liderança. Acredito que sentir que está no controle tem a ver com o alinhamento das forças ou movimentos gerados de forma

harmônica. Como na Nona Sinfonia de Beethoven. Imagine se uma nota for alterada. Apenas uma pequena modificação. A sensação que teríamos é que algo saiu errado, que perdeu o controle, que o maestro não conseguiu articular ou realizar. Agora pense na mesma orquestra tocando sem Beethoven, usando as partituras feitas por ele. Se todos conseguirem executar o que está escrito, o resultado será perfeito. Observe que Beethoven não está no controle, mas, de certa

forma, está. Ao mesmo tempo, compartilho da fé de que é necessário buscar esse

controle, que também não tem a ver com harmonia, mas sim com o movimento contínuo, o qual gera força e aumenta a potência do sentido. Essa potência amplia

a vontade de movimento e transformação, gerando mais força. Isso não se controla,

se administra. A maior frustração é querer controlar o que virá na sequência. Ficamos inconformados quando algo sai do nosso controle. A própria palavra “inconformado” diz: ficamos internamente sem forma ou precisamos mudar a forma, como um camaleão que troca sua cor para continuar a sobreviver. Que controle seria esse? Por que estamos sempre buscando isso, já que não estamos no

controle? Algumas pessoas, com efeito, transferem esse tal “controle de tudo” para

a metafísica. Eu não compartilho desta fé. Ninguém está no controle e não sabe o

que é a verdade. Os homens querem continuamente colocar cabrestos nos outros, impondo suas verdades. Por isso é importante que todos exercitem a tolerância. É terrível quando algum líder tenta colocar “goela abaixo” suas verdades, estabelecendo as regras do seu jogo. Esse tipo de situação não passa de tentativas de dominar e ter a totalidade do controle. O poder sempre estará em xeque. Não me lembro de qual filósofo disse: “Não tente dominar o mundo, mas sim os homens, pois são eles que mandam”. Esse pensamento reduz a capacidade do ser humano de estar além do que se é. O universo já não aguenta mais tanta representação.

Representação

Morreu alguém fora de mim.
Esse foi o último homem
Que representei.
Agora tenho que continuar
Sem esse homem
Que um dia,
E por várias vezes
Foi programado.

Sei também

Que eles querem me reprogramar.

Atualizar o programa.

Não!

Seguirei firme,

Pelo único caminho,

Saboreando minha única opção.

O sabor da dúvida, do mistério,

Da complexidade e da liberdade.

O caminho do esforço.

Vou ter que aprender a reprimir

Desejos e vontades.

Chega de comprar e vender valores.

Não quero mais ser guiado, programado, engessado

E continuar achando que estou sendo valorizado.

As cortinas se abriram

E as luzes se acenderam. Que alegria

Ao ver que era a verdade que estava no palco,

Declamando,

E me dizendo que eu estava sendo enganado,

Ludibriado, manipulado,

Despersonalizado.

Ela dizia em seus versos

Para ter coragem e combater o medo.

Ser generoso para lutar contra o egoísmo.

Ser justo,

Combatendo a indiferença, a crueldade e a desgraça alheia.

Além da Liderança: Devaneios de uma gestão

Disse-me para aprender novos caminhos e métodos,

Para serem utilizados contra o caos interior.

Ser trabalhador,

Para impedir que a preguiça cresça.

Mesmo eu não conseguido ser virtuoso,

Como disse a verdade.

Penso eu,

Que esta será a minha pequena grande apresentação.

Mesmo levando comigo

O medo da reprogramação.

Para enxergar, encontrar pistas e desenhar o futuro da liderança, é preciso

ensinar as pessoas a viver ao máximo o presente. Lembro-me do meu querido

professor e filósofo César Nunes, quando ele dizia: “As pessoas visualizam metas

e, quando as realizam, descobrem que elas não trouxeram felicidade. Então,

continuam avançando e inventam outras, que também não as tornam contentes.

Vivem esperando o dia em que alcançarão algo que as deixarão felizes. Esquecem

que a felicidade é construída todos os dias. E não vai conquistá-la fora de você.

Ela vive dentro do seu coração".

Que belo! Eu me entusiasmo toda vez que saboreio essa reflexão, pois

compartilho da mesma verdade. Ele ainda, de forma honrosa, reforça e finaliza

com Fernando Pessoa: "Sossega, coração! Não desesperes! Talvez um dia, para

além dos dias, encontres o que queres porque o queres. Então, livre de falsas

nostalgias, atingirás a perfeição de seres. Mas pobre sonho o que só quer não tê-

lo! Pobre esperança a de existir somente! Como quem passa a mão pelo cabelo e

em si mesmo se sente diferente. Como faz mal ao sonho o concebê-lo! Não quero

rosas, desde que haja rosas. Quero-as só quando não as possa haver. Que hei de

fazer das coisas que qualquer mão pode colher? Não quero a noite senão quando a

aurora a fez em ouro e azul se diluir. O que a minha alma ignora é isso que quero

possuir. Para quê? ... Se o soubesse, não faria versos para dizer que inda o não sei" .

Magnífico! Não é de arrepiar? As sementes da liderança devem ser regadas

com o próprio sangue do líder. Somente quem "dá o sangue" em suas vivências e

experimenta a própria vida é que pode falar de "sentido" e de “liderança”. Se você

tivesse apenas o seu sangue como tinta, quais seriam os últimos cinco litros que

escreveria? Se ao final da última gota você morresse, o que escreveria?

A vida que segue

Sinto que estou sangrando

Por dentro e por fora.

Por fora, sai na forma de lágrimas.

Por dentro, sinto que o sal das lágrimas.

Fazem meu coração arder

Por não conseguirem sair.

Olho para a minha caneta, e não vejo tinta,

Vejo sangue.

Será que a vida é como essa caneta?

Ando me machucando,

Por muito estar escutando.

Queria cantar como Davi,

E se deleitar na surdez,

Como fez Beethoven.

Estou com fome,

Fraco,

Comeria toda a terra,

Beberia todo o mar.

Além da Liderança: Devaneios de uma gestão

Preciso urgente,

Alimentar-me,

Para continuar a caminhar...

Seja duro consigo mesmo para não virar mercadoria, para não ser massa, mais um. Ser autêntico e original é necessário para crescer e se tornar um líder forte. Só assim vai saber se posicionar com leveza diante dos ambientes mais hostis, não se deixando contaminar pelo local. Liderar é tentar estar além da liderança. Se preparar para a vida, com vontade de mais vida, e despertar forças e vontades não encontradas em todos que queiram viver mais. É ter autodisciplina e usar os obstáculos como meios de desenvolvimento contínuo para a auto superação, tornando-se, cada vez mais, quem se é. Lembre-se: não existe fórmula.

Trabalhe com o coração e com o que há de mais profundo em você e encontrará todos os caminhos a percorrer. Os medos e inseguranças serão menores. Liderar passará a ser como construir verdadeiras e diversas obras de arte, relembrando sempre o que disse Fernando Pessoa: “O essencial da arte é exprimir; o que se exprime não interessa”. Ter essa sensação, por mais que seja efêmera, é sentir que o mundo foi conquistado.

O Mundo

O mundo são lugares.

Perto e longe.

Feito de formas,

Grandes e pequenas,

Com sabores e dissabores.

De lembranças e esperanças.

De luta e paz.

De vida e morte.

Leonardo Peracini

O corpo são lugares.

Perto e longe.

Feito de formas,

Grandes e pequenas,

Com sabores e dissabores.

De lembranças e esperanças.

De luta e paz.

De vida e morte.

Será que o mundo é o corpo?

Ou o corpo é o mundo?

Muitos,

Escutam-se falando.

Veem-se vendo.

Sentem-se sentindo.

Outros,

Além do seu corpo,

Escutam, veem e sentem outros

Corpos.

Será o mundo um único corpo?

Um ser movente,

Que move

E tem poderes de

Mover e se

Mover?

Um ambiente habitado e habitável?

Além da Liderança: Devaneios de uma gestão

Visível e invisível?

Um mundo a descobrir seus mistérios?

Liderando a inércia

O grande homem é aquele que chega na vida sofrendo e saí

sofrendo diferente.

É notável que, em qualquer empresa ou relacionamento, a tendência é

diminuir os movimentos e cair na rotina, na mesmice. Um bom líder fica sempre

de olho na inércia, pois ele sabe que liderá-la é fundamental para a saúde da

empresa. Como os exercícios físicos, que são necessários para manter o corpo forte

e saudável. Não dá para ficar caminhando na mesma velocidade a vida inteira.

Lutar contra a inércia é aumentar a velocidade da caminhada de forma gradativa e

consciente. É imprimir as forças corretas para o objetivo desejado, sentindo os

músculos “queimando” quando a intensidade dos exercícios aumenta. Sentir dores

musculares no outro dia. Nenhum organismo fica mais forte e saudável se for

aplicado o mesmo estímulo.

Dentro das empresas, a inércia atrofia os desafios, motivação, inovação,

relacionamentos, crescimento pessoal, atravanca as oportunidades. As pessoas

ficam paralisadas. Com medo de voar, achando que vão cair, mesmo sabendo que

têm asas. As respostas a esses estímulos são o aumento das conversas improdutivas

em reuniões e corredores, ampliação da quantidade de colaboradores

descomprometidos com as metas e tarefas. Muitos não aguentam e trocam de

empresa. Ou melhor, tentam mudar de relacionamentos e de liderança. Quem troca

de organização está alterando sonhos e relacionamentos, essa é a intenção.

A quebra da inércia pode causar inseguranças, medos, dores e desconfortos,

como no exercício físico. Entretanto, ela provoca a transformação do ser humano

por meio do movimento, o qual é entre o corpo e o estímulo oferecido pelo meio

externo. Cada um reage de uma forma frente às adversidades. Esse movimento é

um convite à transformação. É a vida que faz as perguntas: como você se sai dessa?

Qual tipo de ferramenta vai usar? Está preparado para o choque? Consegue desviar

do que vem pela frente? E agora, vai pedir ajuda? Fugir? Está forte o suficiente

para encarar? Quem é você? Vai continuar sendo o mesmo? Quanto de força

acumulou até agora para resistir? Esse movimento, que é continuo, serve para

fortalecer-se, destruindo e construindo. É um ciclo que é necessário para gerar mais

qualidade, produtividade, significado, vida. É como disse o professor e filósofo

Mauro Sousa, que escreveu em seu livro *Nietzsche: Viver Intensamente, Tornar-se o Que Se É*: “Impor ordem ao caos é resistir ao caos, é pôr-se naquele momento

como mais forte. Resistir ao ambiente é tornar-se mais forte que ele. Sendo assim,

estar inserido no mercado é estar acima dele, é superá-lo. Esse conceito não tem

nada de darwinista, porque o Darwinismo é um erro ao ensinar adaptação. Resistir

é um exercício de poder. Até quem manda resiste. Aliás, para ordenar, é preciso

ser muito resistente em termos de ter força. Avançar é resistir. Recuar é resistir".

Liderar a inércia é estar insatisfeito todos os dias. É sair da zona de conforto e estar

aberto para o desconhecido, não deixando as estratégias se tornarem apenas sonhos

e passatempos. É viver 24 horas estimulando o crescimento profissional,

implantando novos procedimentos e processos. Regar todos os dias as sementes

que estão sendo plantadas, como em um sistema de gotejamento. Inspirar os

liderados a fazer cada vez mais e melhor, crescendo em conjunto e aceitando que

a inércia sempre vai existir. Liderar a inércia é aprender a estar sempre com fome,

degustando o sentido do tempo e da vida.

O padre mineiro Léo Tarcísio Gonçalves Pereira, mais conhecido como Pe.

Léo, tem uma metáfora que gosto muito e que está ligada ao que estamos pensando,

ele diz: "Todo rio nasce com uma meta única: chegar ao mar. Mas, quando para de

correr em direção ao mar e começa a voltar, causa alagamentos e enchentes. Rio

parado é sinal de estragos nos campos e nas cidades. O mesmo acontece conosco.

Por isso, além de não olhar para trás, é preciso não se deter, nem parar, ou

estacionar. A vida é dinâmica. O ser humano é inacabado. O mundo não está completo e pronto. Triste de quem acha que já atingiu sua meta".

Portanto, quem espera da vida só sossego será um forte candidato a frustrações e decepções. Se questione: o que eu tenho feito de diferente? Quantas pessoas novas conheço por dia? Quem eu era há cinco anos e quem sou hoje? O que mudou? E por que mudou? Olhe suas fotos antigas e compare as diferenças.

O filósofo Mário Sérgio Cortella faz uma bela reflexão em seu livro *Provocações Filosóficas*:

"Quando alguém afirmar 'fiquei muito satisfeito com você' ou 'estou contente com o seu trabalho', é assustador. O que dizer com isso? Que nada mais de mim se deseja? Que o ponto atual é meu limite e, portanto, minha possibilidade?

Que de mim nada mais além se pode esperar? Que está bom como está? Assim seria apavorante; passaria a ideia de que, desse jeito, já basta. Ora, o agradável é quando alguém diz: ''seu trabalho é bom, fiquei insatisfeito e, portanto, espero mais, quero continuar, conhecer outras coisas'.".

Observe que sair da inércia é criar movimento. Continuar a caminhar.

Escalar. Mover pessoas para a busca eterna do sentido, fazendo com que a roda

gire. O provocador ou líder tem a responsabilidade de tirar seus liderados do estado

de repouso ou de movimento uniforme, convidando-os para degustar as mudanças.

Como é feito no processo de purificação do ouro, que, quanto mais intenso é o

fogo utilizado para polir o metal, mais limpo e belo ele fica. Liderar é mais ou

menos assim, saber colocar a quantidade de fogo adequada sem estragar o metal.

Mas se atente, pois quebrar a inércia é fácil. Isso acontece todo momento.

Como havia dito, tudo está sendo desconstruído e reconstruído. O difícil é

reconstruir e descontruir do jeito certo, na hora exata, com a estratégia adequada.

Oh, Aristóteles, que nunca vai morrer, sempre vem e volta com seus ensinamentos.

“Ficar com raiva é fácil. Mas se zangar com a pessoa certa, no momento exato,

pela razão correta, do jeito certo - isso não é nada fácil”.

Muitos líderes, por excesso de autoconfiança ou insegurança, usam

estratégias que geram mais problemas do que soluções. Literalmente, quebram a

inércia de tal forma que nem mesmo eles e suas equipes conseguem suportar as

alterações. Tomam decisões de “mente cheia”. Um exemplo é a famosa frase:

“Precisamos cortar a cabeça de alguém para mostrar a todos nossa autoridade”. Na

verdade, esta sentença quer dizer: “Não conseguimos liderar, não enxergamos

outra solução, precisamos fazer medo. Não sabemos como gerar o próximo

movimento. Estamos desesperados, pois não conseguimos descontruir para reconstruir. Não temos definido de forma clara quais serão os nossos próximos movimentos".

Isaac Newton é considerado o pai da ciência moderna – e não sem motivos. Ele entregou para humanidade, aos 23 anos, as fundações do cálculo integral, da lei da gravidade e das leis do movimento e inércia, além de experimentos com luzes. Iluminou a ciência e gastou a sua vida investigando e estudando. Construiu suas forças nas águas do saber. Foi um homem que esteve sempre em movimento e insatisfeito. Sua vida, apesar de ele ter um perfil introspectivo, não era "engessada", pelo contrário, era cheia de movimentos. O que esse homem tinha de incomum? Como conseguiu chegar aonde chegou? O que sua mente tinha de diferente que conseguiu enxergar tão à frente do mundo? Quais eram suas forças?

Quanto de pressão conseguia suportar? Quais eram seus motivos e propósitos?

Caro leitor, tudo é força sobre força. O "pulo do gato" é saber usá-las ou suportá-las. Forças servem para criar movimentos. Movimentar-se é crescer em conjunto. Ter a sensação de deslocamento e sentir que a "coisa" está andando. Saborear as maçãs que caem nas tempestades ou nos dias de calmaria. Mesmo as tragédias que acometeram a humanidade, algumas inimagináveis, geraram movimento. Lembro-me de ter lido em um livro que, depois de uma destruição

em

massa, árvores frutíferas nasceram no meio de destroços. É a vida continuando e se movimentando nas situações mais desumanas.

Aniversário

Hoje é meu aniversário,

67 anos!

59

Leonardo Peracini

Que desespero.

Tenho muitos delírios a comemorar.

Quanta crueldade e sofrimento eu tenho para contar.

Foi a loucura que dominou,

Contaminou.

Depois que a grande luz se ascendeu,

Clareou,

Tudo se apagou.

Todos eles,

Bebês e crianças,

Mulheres grávidas e mães.

Ai que dor, só de pensar!

Pais e avós

Livros e músicas.

Obras de arte e parquinhos.

Frutas e cantos das casas que eles gostavam de ficar.

Ai que dor,

Que vontade de chorar!

A luz se apagou

E em seguida

"Little Boy" e “Fat Man” as levaram.

Oh Hiroshima e Nagasaki...

67 anos hoje,

Mas que nunca se passou.

Hoje,

Além da Liderança: Devaneios de uma gestão

Não se tem nada a comemorar,

Apenas a acender as velas

E chorar.

Seis de agosto de 2012.

Ser o artista de si mesmo é o primeiro passo para inspirar sentido nas pessoas. Criar uma grande obra de arte é se misturar com o que existe de mais extraordinário dentro de um ser, estimulando a sensibilidade, criação, paixão, tristeza, ódio, vazio existencial, alegria, amor. Provocar uma explosão de forças desconhecidas, como um evento estelar. O objetivo é se lambuzar e mover o diferente, tentando colocar para fora tudo que está no abstrato das emoções, descobrindo o caminho do que realmente tem sentido.

A pedagogia da liderança está firmada na liberdade de criação, expressão corporal e vontade de realização. O sistema, com o qual hoje nos deparamos, é tecnicista, infantilizado e de pouca transformação. Ele expõe a técnica exageradamente.

A formação dos líderes não pode ser baseada nas mudanças ou análises do mercado. Pelo contrário, este deve ser transformado pela liderança. Liderar é ser e viver como um artista. É não correr atrás do dinheiro, mas sim do significado, o qual o gera. Lembre-se de que ele sempre será o fim, e não o começo. Observe em suas planilhas financeiras que a lucratividade está no final. Estar além de uma liderança é modificar a realidade que está à volta, saindo dos padrões impostos e libertando-se do molde e cabresto que o mundo quer colocar. É fazer desabrochar nas pessoas aquilo que já são ou não, trazendo à tona suas potências naturais.

Além da Liderança: Devaneios de uma gestão

As frases de motivação ou reflexão dos próximos líderes para seus

colaboradores deveriam ser: por que escolheu trabalhar nessa empresa? O que trás

você aqui? Se está consciente de que um dia irá morrer, então o que quer fazer da

sua vida enquanto estiver vivo? Quais são os homens em que se inspira? Qual a

transformação que quer causar? Quem deve te seguir? O que fez você se tornar o

que é hoje? Quais as suas responsabilidades frente à sua carreira?

Conceitos como esses estão à frente da realidade de hoje. Vêm para elucidar

aqueles que acreditam que os líderes são os mais importantes nas empresas e que,

sempre que houver problema, eles estarão prontos para “salvar” todos. Isso é

covardia. Ninguém salva ninguém. Pessoas não entregam o seu maior potencial se

não houver reflexão.

Sem generalizar, a maioria dos modelos de liderança adestra pessoas com

técnicas, processos e procedimentos. São tantas técnicas que ninguém tem tempo

para nada, para o que realmente deve ser feito. Como uma miopia, que lesa,

embaça e inverte a percepção do “liderar”. A inversão do “ser” para o “ter” deixa

as mentes confusas, atrapalha as tomadas de decisões. Para “ter”, é preciso

descobrir e evoluir o “ser”, extrair, nos pequenos ou grandes momentos do dia a

dia, o que as pessoas têm de mais importante e suas contribuições para criar as

estratégias triunfadoras. Esse sim pode ser um caminho seguro e ao mesmo tempo

agressivo de um grandioso líder. Entretanto, levar as pessoas a enxergar o “ter”

antes do “ser” é uma estratégia suicida, que dura apenas a curto prazo. É vender o

que não existe. A grande pergunta é: “Como extrair o que um ser humano tem de

melhor? E fazer nascer o interesse pela empresa dentro dos colaboradores?”.

Muitos estão gritando nas empresas: queremos que deem o seu melhor!

Precisamos de mais! Agora, será que o coração de quem ouve essas palavras de

incentivo está gritando de entusiasmo? De alegria? Não dá, ninguém aguenta

trabalhar sob uma representação dessas. Todos correm sem saber para onde,

executam tarefas sem sentido e passam por crises de pânico e estresses. Imploram

por momentos de paz e sossego. Ai finais de semana e feriados que não chegam!

Alguém precisa me parar, eu mesmo não consigo.

Leonardo Peracini

Nove minutos no Parque Villa-Lobos

As folhas estão caindo.

O vento está soprando.

As árvores estão dançando.

Os pássaros não param de cantar.

Ai que vontade de parar,

Para ouvir os pássaros cantar.

Ver as folhas caírem.

E as árvores dançar.

Oh, vida, cansei de me movimentar.

Ando cego, surdo, paraplégico.

Meu coração grita,

Bate como o de uma ave presa.

Como hoje eu gostaria de estar. Estar.

Oh, vida, não sei onde fui parar,

Por ter parado

De ouvir os pássaros cantar.

Ver as folhas caírem.

E as árvores dançar.

Oh, vida, quero parar de sangrar.

Sacramentar-me,

Que seja por apenas nove minutos,

Me Estancar.

Portanto, essa forma de liderar é imatura e pouco desenvolvida. Cria falsos

ídolos e colaboradores. Todos representando o que não quer ser. Não seriam mais

gentis perguntas do tipo: como fazer para que vocês entreguem o seu melhor? O que têm a contribuir? Que transformação conseguiríamos fazer em conjunto?

O mundo prega que os líderes devem escutar. Concordo. Mas antes têm de provocar para depois ouvir. Acrescento mais uma sequência. Provocar, escutar e transformar. Não existe resultado ou modificação sem provocação. Extrair o interior das pessoas é como abrir uma concha sem danificá-la e encontrar uma bela pérola. O sentido da liderança é uma porta que se abre somente pelo lado de dentro.

Líder ou artista? Essa foi a minha provocação. Michelangelo demorou quatro anos para pintar a Capela Sistina. Durante esse tempo, ele, sozinho, explorou o que tinha de mais precioso e entregou para o mundo sua magnífica obra, que traduz seu ser.

Pessoas de toda parte a admiram. Michelangelo se imortalizou. Conseguiu se tornar uma referência mundial. Amou o seu destino e descobriu o que tinha atrás das cortinas. Viveu com sentido. Contudo, ele tinha vontade de realização inesgotável, fome insaciável, a ponto de fazer seu amor pelo que fazia levá-lo a se tornar homem. Quantas pessoas são influenciadas por Michelangelo? E choram de alegria quando olham para suas obras? Vivem e morrem por elas? Meu amigo, o

mercado está prostituindo o que existe de mais importante nas pessoas. Sua missão

de vida e vontade de transformação. Quantos se influenciam por nós? Choram de

alegria quando olham para nossas obras? Quantos viveriam e morreriam por nós?

Os cursos de gestão estão como o mito da Medusa, que iludia e petrificava

as pessoas. Todos seguem os mesmos caminhos e fórmulas. O mercado está

vendendo treinamentos para as pessoas apreender a se comunicar umas com as

outras. Aonde vamos chegar assim? Ensinar a comunicar ou enganar? Entretanto,

as obras de Michelangelo expressam-se sem qualquer fala. Elas dizem por si. O

próprio ser do artista conecta-se com quem as sente. Entre essas reflexões, muitas

outras poderiam vir. Entendo que estar preparado para a transformação de quem

quer estar além de uma liderança comum não é para todos. Muitos estão fechados

em seus casulos, esperando que algo caia do céu. Outros agem como ouriços, que

ninguém pode se aproximar devido ao seu estilo reativo de viver.

Ser líder é atuar como os grandes artistas. Tocar e provocar o potencial das

pessoas. Não se iluda, estratégias formatadas se tornam obsoletas e pouco

envolventes. São efêmeras.

Imagine alguém ter de obrigar Michelangelo a pintar ou esculpir algo formatado. Com procedimentos nos padrões ISO. É impossível uma estratégia desse tipo funcionar. Serve apenas para pequenas decisões. Observem a quantidade de livros e artigos que tentam passar verniz nesse pensamento. Colocar, a todo o momento, goela a baixo, que o problema está na execução. Jack Welch, em seu livro *Paixão por Vencer*, escreve: “Quando você se torna líder, o sucesso depende do crescimento dos outros. E que o líder deve ser incansável em melhorar as pessoas, para que não só compreendam a visão, mas também a vivenciem e a respirem”.

O foco na execução? Por quê? Ela é como o lucro, vem só no final das estratégias. Um colaborador pode compreender o processo de cor e salteado, mas, se não estiver inspirado, essa será a maior falha no processo. Os trabalhadores entusiasmados produzem mais do que os desmotivados. Compare aqueles que estão há séculos executando um processo com os entusiasmados velhos de casa ou novos, a diferença é gritante. Os animados vibram, estão sempre atentos e inspiram ideais inovadoras.

Algumas organizações afirmam que é preciso criar planos que objetivem benefícios para os colaboradores se engajarem nos processos. Em face dessa

realidade, estamos de frente com uma monstruosa desordem na gestão

contemporânea, e não podemos medir o seu tamanho. Entretanto, reforço: um dos

caminhos para continuar a produzir com responsabilidade é a estimulação dos

liderados para que possam formar a si mesmos por meio da provocação e

desenvolvimento de ideais e projetos. Concebendo tais deveres aos líderes, que

estão à frente e devem provocar e seduzir seus colaboradores para a produção de

conhecimento, criando lugares e condições para que eles se tornem seus próprios

formadores e transformadores. Com isso, seus trabalhos se tornarão obras de arte,

cada um com seu discurso, ideal e sentido. Não se pode permitir que nenhum

liderado delegue seu plano de carreira para a empresa ou para seu líder. Isso, assim

como a existência, é de quem exerce a profissão e vive. Seria como delegar a vida

para outras pessoas. Essa seria uma decisão irresponsável, pois viveríamos fora de

nós mesmos, da própria vida, como já afirmava categoricamente Nietzsche. Com

certeza, nenhum dos grandes artistas pensaria em delegar seus propósitos ou obras

a outras pessoas, seria como vender a alma.

Michelangelo também foi citado no livro do filósofo Mário Sérgio Cortella,

intitulado *Provocações Filosóficas*, na página 69, em que ele disse que

“Michelangelo, ao ser perguntado sobre como fizera a escultura de Davi (com quase 4,5 metros em um só bloco de mármore, guardada na Academia de Belas Artes de Florença), respondeu:’ Foi fácil, fiquei um tempo olhando o mármore até nele enxergar Davi. Aí, peguei o martelo e o cinzel e tirei tudo o que não era Davi’.”. Liderar é agir como Michelangelo. Tentar enxergar as potencialidades dos colaboradores e retirar as pedras que estão sobrando, impedindo a expansão.

Lembrem-se: todos vêm com as mesmas ferramentas, as “formas” que devem ser trabalhadas. Elas sim são diferentes umas das outras. Cada uma deve ser esculpida com o seu ser. No mármore, Michelangelo viu e esculpiu Davi. E você, enxerga quem são seus liderados? Qual escultura vai fazer? Que pedras devem ficar? Quais estão em excesso? Que ferramentas pretende usar? Qual o caminho para chegar à mais bela obra de arte? E o fim, já conseguiu ver?

Examinar a liderança é como ir ao museu. É encontrar diversas obras de arte e entender que, em cada uma, está a transformação do ser que a criou. Imortalizar e transmutar o sentido da vida em formas, valores e virtudes. Quantas pessoas se transformaram por causa das obras de Michelangelo? Portanto, como sabemos, é infinita a quantidade de gente que liderou grandes impactos no mundo e que continua fazendo isso. Com efeito, acredito que muitos que já se foram serão

descobertos daqui a alguns anos. Estes, que ainda não foram reconhecidos, estão além do presente. Serão descobertos no futuro dos outros, vivendo o presente deles e entregando um novo futuro àqueles que então enxergarão além dos olhos, com fome de transformação.

“Ame muito, porque nisso está a verdadeira força. Quem ama bastante conquistará muito, e o que for feito com amor estará bem-feito.”

67

Leonardo Peracini

Vincent van Gogh

Além da Liderança: Devaneios de uma gestão

A crise de identidade nas empresas

Mude seus moveis de lugar, e perceba o quanto você muda internamente.

Identidade está ligada à personalidade. Esta palavra vem de "persona", que provém do grego e quer dizer máscara, cortina, verniz, maquiagem, Botox, silicone e assim vai... Freud, em sua teoria psicanalítica, diz que existe uma luta entre o ID (libido) e o superego. O ID, a todo custo, deseja se manifestar completamente, mas não consegue pelo fato do superego o reprimir. O ponto de equilíbrio entre ID e superego é chamado, por Freud, de ego. Este desenvolve-se a partir do ID, representando a realidade para o mundo e para as pessoas. É dele que parte a

razão.

A principal função do ego é harmonizar os desejos entre o ID e o superego. O resultado é a representação da personalidade e das máscaras que usamos por intermédio das ações e comportamentos no meio em que estamos inseridos. Nessa linha de pensamento, já teríamos provocações: o que sua empresa representa hoje para o mercado? Que tipo de comportamento ou imagem ela passa? E as pessoas que estão colaborando, o que significam para a instituição? E o que a organização é para elas?

A identidade de uma empresa nasce da missão, visão e fusão dos valores e virtudes dos colaboradores que ali estão trabalhando. Identidade mais personalidade é igual à cultura corporativa.

A identidade de uma empresa representa o que ela gostaria de ser. Entretanto, não necessariamente o que ela vive e é atualmente. Quando a instituição elabora uma estratégia de *marketing*, um dos primeiros objetivos é criar

comunicação baseada nas "personas", que são as máscaras para os produtos que se deseja vender, ou o chamariz de alguma campanha de *marketing*.

A diferenciação vem chamando a atenção há muito tempo pelo fato de que, cada dia, em velocidade espantosa, o novo devora o velho. Virou um ciclo difícil e sedutor para quem trabalha com *marketing*. A novidade de hoje será o antigo de amanhã. O novo nascendo para concorrer. E o velho correndo para morrer.

Corrida para a morte

O novo nasceu,

Ansioso para viver.

O velho ficou paciente,

Porque já sabe

Que está por morrer.

Quem mata e devora o velho

É o novo.

Ele torce para o velho morrer,

Porque ele precisa dar as caras

Do novo.

Ele não sabia,

Que ser novo

É viver igual a girassol,

Só dá uma flor na vida.

Participa apenas uma vez do espetáculo.

Quando o novo

Tenta de novo

Ser novo,

Ele se espanta, porque não é mais novo.

Já está velho,

Outro novo nasceu.

O novo velho corre,

Porque agora ele já sabe,

Que, quando outro novo nascer,

Ele vai morrer

No nascer do sol,

Como todos os dias,

Fica olhando

E esperando

O girassol.

Assistimos todos os dias empresas que nascem da noite para o dia. Marcas

que surgem como vírus, contaminando, em segundos, milhões de pessoas.

Empresas que são fundidas. Pessoas que agora possuem necessidade do que antes

não precisavam. Desejam o iPod, iPad, carro Smart Fit, bolsa X e Y.

Impressionante como apenas o desejo de consumir está à flor da pele, e não a

necessidade de ter o produto ou serviço. Não se sabe por que e para que possuir.

Nesse cenário provocante, muitas empresas estão sofrendo crise de

identidade. Está se perdendo talentos e oportunidades de entregar ao mercado

produtos que iriam imortalizar marcas. Por quê? Porque inovação não existe sem autenticidade, sem ser o que se é. Outras estão sentindo dificuldade em se posicionar com identidade no mercado. Gastando milhões em propagandas com retornos irrisórios.

Outro ponto é que a crise de identidade está sufocando as organizações e deixando-as inseguras para atuar face ao mercado. Com a ilusão de que tudo agora, com a tecnologia e informação rápida, se torna simples. Essa é mais uma doença que está atrofiando a capacidade das empresas de criar e sustentar suas estratégias.

Precisa-se de alguma ideia nova? Contrate uma empresa que as vende. Necessita-

se de talentos? Compre um do concorrente. Precisa verificar se tudo anda bem? Contrate uma empresa de auditoria e consultoria. As organizações estão cada vez mais seduzidas pelas "sereias do mercado" e deixando de ser quem realmente são.

O que acontece é que, nesse movimento, os colaboradores são afetados e envenenados por essa cultura do "simples, fácil, rápido e *light*". Muitos se perguntam por que o pessoal não quer colocar a mão na massa. Penso que é óbvio, o processo está no ciclo de estímulo/resposta. Empresas que pregam costumes *light*

têm ideias e funcionários assim. Instituições com culturas rápidas possuem colaboradores querendo alcançar cargos de diretoria depressa. Organizações com costumes fáceis não geram significados, propósitos e têm trabalhadores carentes, perdidos, que se sentem desvalorizados, sem objetivos. Com efeito, cria-se a sensação de ausência de finalidade e de resposta ao "porquê". Novamente, os questionamentos: por que estou trabalhando nessa empresa? E não faço o que realmente gosto? Por que conquistei várias coisas, e ainda não tenho o sentimento de que estou realizado? E, quando uma meta é atingida, não fico feliz como na primeira vez em que consegui? Por que sinto vazio dentro de mim? E não estou acreditando tanto nas pessoas que trabalham comigo quanto antes? Por que não me sinto motivado como era no começo? E me sinto angustiado? Sufocado? Perseguido?

O ID grita: quero liberdade! Deixe-me sair, por favor! Não aguento mais seguir padrões! Já nem sei mais quem sou! Não tenho mais prazer! Não sinto mais vontade! Estou sem esperança, desmotivado. Quero ser livre!

As empresas, para atingir o triunfo, precisam se libertar. “Liberdade é algo que se possui e não se tem, que se quer e se conquista ” , já propunha a pensar assim Friedrich Nietzsche. Conquistar a liberdade não é fácil, mas é o caminho para se imortalizar. O meio é a libertação dos trabalhadores. Como a própria palavra diz,

colaborador contribui, entrega seus talentos para a empresa. Não confunda os funcionários com meros executores e escravos de processos.

Diariamente, treinamentos são propostos para melhorar a execução de um procedimento. Supervisores, gerentes e consultores, de forma incansável, checam a eficiência da execução dos processos e procedimentos, esquecendo o principal:

agir como médicos! Consultando, prescrevendo provocações e entregando um remédio que combata a atrofia dos pensamentos. Quando a cobrança dos processos é feita de forma errada, a resposta ao estímulo é a opressão da reflexão e o adestramento dos talentos dos colaboradores. É o que poderíamos chamar de escravismo corporativo. Como havia proposto, os talentos e virtudes não nascem do lucro e da riqueza, mas é da virtude e dos talentos que vêm as riquezas e os outros bens. Aqui entra em cena o líder, com o papel de examinar a si mesmo e aos outros, entendendo que se deve dedicar à atividade intelectual de pensador, tornando assim as coisas mais simples do que são. Promovendo o hábito do pensar em todos, despertando seus instintos e paixões, fazendo com que os colaboradores sintam o conhecimento vivendo dentro de si. Com isso, o processo de inovação será o resultado desse ciclo. Penso que, fora desse caminho, os indivíduos tornam-

se escravos de processos, enfraquecendo suas vontades de transformação, realização e sentido. É por isso que o líder não pode se desviar do seu real papel: formar homens e mulheres, unindo-os com seus vínculos fortes (instinto e paixão), construindo formação baseada na autonomia do pensamento, na autenticidade e na extração profunda e plena dos talentos. O líder é o exterminador da preguiça mental.

Portanto, não coloque Botox em seus colaboradores, o efeito é passageiro e apenas representativo. No início, os liderados ficam encantados e iludidos. Quando o efeito passa, eles se olham no espelho e não se reconhecem. Ficam confusos e se perguntando quem realmente são. Esquecendo-se do mais importante: entender, ser e projetar o que se deve ser.

Lembra a primeira casinha que desenhou quando era criança? Como essa imagem teve valor para você e seus familiares. Mostrava para todos que encontrava. Seus olhos brilhavam de alegria, e você não se contentava em fazer apenas mais uma casinha. Queria saborear novamente a sensação de auto realização. Então, desenhava sem parar. Riscava as paredes, as mesas, o chão, os braços com os reloginhos. Sentia-se importante, incansável e reconhecido, pois era você que estava criando. O desenho veio de você, não era cópia. Alguns pais até

emolduram esses rabiscos. Quanto de significado e lembranças eles ainda têm! Se

imortalizaram no tempo, na memória de seus pais, tios e tias, amigos e professoras.

As figuras representando quem você era naquele momento. Sua identidade e

personalidade sendo exprimida pelas suas mãos. Os talentos agindo com sentido,

naturalmente. Por isso que mereceram estar emoldurados e serem apresentados

para o mundo. Isso sim é motivador! Olhar para algo que brotou de dentro e se

transformou em matéria, gerando sentido, não só para quem fez, mas se misturando

com todos que foram afetados quando observavam o resultado final. Era apenas

uma casinha, mas foi você quem a fez.

Nas empresas, é assim, precisamos ser como crianças, responsáveis,

autênticos, livres e criativos. Não sei se a definição de adulto hoje pregada pela

sociedade se encaixaria nessa mensagem. Então prefiro fazer uma fusão entre as

palavras criança e responsabilidade, para chamar a atenção para o simples, flexível,

livre, tendo liberdade para criar e disciplina para progredir. Já afirmava Albert

Camus: ″ Criar é viver duas vezes".

Eu diria que ser o que se é, com amor, ordem e progresso, poderia conduzir

para o triunfo de qualquer negócio. A identidade de uma empresa depende da

descoberta e transformação contínua das características dos colaboradores. Tanto a empresa quanto os trabalhadores têm uma missão: ser uma metamorfose de talentos, se misturando e se reinventando constantemente. Entendendo que, quanto mais se aprende em conjunto, mais se tem a saber. Entretanto, seria preciso ter colaboradores bons para ter uma empresa boa? Ou possuir uma organização boa para ter trabalhadores bons? Com efeito, diria que as empresas foram criadas para os homens, e não estes para elas. O homem não pode ser uma mercadoria. Os valores e virtudes humanas nas organizações devem ser cultivados de maneira pura e humanista. Esse é o universo da vida, da real identidade humana, da afetividade, confiança, das descobertas e da autoestima. A existência é baseada nos valores e no sentido pleno do ser. Diferentemente do sistema, que é a distorção das identidades e personalidades, em que vale apenas os contratos, a competição, ser o primeiro, os processos, ganhar sempre, comprar os outros e lutar até o fim pelo poder. Contudo, o mundo da vida liberta a capacidade de escolha, a confiança, a palavra autêntica e a vontade humana de buscar sentindo.

Além da Liderança: Devaneios de uma gestão

“Conhece-te a ti mesmo." Há dois mil anos, estas palavras estavam escritas no Templo de Delfos. Esta reflexão belíssima, pequena e poderosa traz uma mensagem de esperança e de vitória sobre a mais antiga inimiga do homem: a

vaidade. Tentar conhecer a si mesmo é buscar o sentido da vida, existir, ao menos

por meio de um desenho de casinha ou de sonho. Fiódor Mikhailovich Dostoiévski

escreveu em seu livro, *Noites Brancas*, que “a vida não obedece à nossa vontade,

que ela não se deixa moldar como um sonho, que eternamente se renova e fica

jovem, e nela nenhuma hora é igual à que se segue, enquanto a horrível fantasia,

essa nossa força de imaginação, acaba por ficar desconsolada, suscetível e

monótona até a vulgaridade, escrava da sombra, do puro pensamento, das

primeiras nuvenzinhas que, de repente, cobrem o sol e oprimem numa dor amarga

o coração, que tanto ama o sol, e até na própria dor, que fantasia! Sentimos que,

por fim, essa fantasia, que parece inesgotável, há de exaurir-se na sua eterna tensão,

pois vamos nos tornar mais viris e amadurecidos, superaremos antigos ideais, que

se desvaneceram e se reduziram a palavras e a pó”.

Existência

Quando penso, não existo.

Estou apenas consciente,

Representando,

Pensando que existo.

Quando existo,

Não penso,

Estou inconsciente,

Apenas existindo,

Sendo beleza.

Ser possuído pelo belo

É sentir a alma subir

Do inconsciente

Para o eu

Consciente.

É aprender a sonhar

Acordado.

É dormir existindo.

Novamente, e para fechar esse tema, a sabedoria e os poemas de Fernando

Pessoa.

“O sonho é a pior das cocaínas, porque é a mais natural de todas. Assim, se insinua nos hábitos com a facilidade que as outras não têm, se prova sem querer, como um veneno dado. Não dói, não descora, não abate – mas a alma que dele usa fica incurável, porque não há maneira de se separar do seu veneno, que é ela

mesma.”

Além da Liderança: Devaneios de uma gestão

Falta de vida nas empresas

Não estou triste. Não estou feliz. Estou vivo.

Tentar enxergar o que realmente existe de importante numa organização é algo difícil. O pensamento de massa traz à tona os paradigmas do mundo empresarial contemporâneo. Transformar um ambiente colocando vida nos processos, nas estratégias e nas pessoas que os executam está além do poder de muitos. A resistência da alta gestão em aceitar nova ideia, ou uma melhorada é erva daninha dentro das organizações. O motivo é a falta de conhecimento aliada à baixa afetividade dos gestores. Líderes que agem assim são assassinos de vidas.

A reflexão “ninguém reconhece o que não conhece”, muitas vezes, é um grande amortecedor daqueles que querem fazer a diferença. O que nos deixa assombrados é que, cada vez mais, as empresas passam mensagens sem sentido, como: “precisamos aumentar o desempenho do time, inovar, fazer diferente, queremos algo que oxigene a empresa”. O poeta e cantor Cazuza, que, em uma de suas músicas cantava: “As ideias não correspondem aos fatos ” ... Na prática, o que está acontecendo é isso que ele afirmava. Para liderar acima do pensamento de massa, fútil, sem sentido, é preciso assumir postura com valores, virtudes e

posicionamentos diferenciados, estando preparado para as mais apequenadas críticas; sendo tolerante na hora certa, com a pessoa ideal e do jeito correto e compreendendo que cada um tem sua forma de reagir. Lembro-me também de Rubens Alves, que, em uma de suas palestras, ensinou-nos que a palavra formatura

vem de forma, de algo que tem um formato. Ele dizia que as faculdades não

poderiam incentivar as pessoas a sair de seus cursos como um bolo vindo de uma forma. Todos iguais, sendo desenformados. Penso que esse pensamento é grandioso quando analisado do ponto de vista da gestão estratégica de pessoas. Porque o que mais acontece nas organizações, nos dias de hoje, é a criação de modelos, formas e meios de classificação do ser humano.

Trilhar o caminho da metaliderança, ou além do que existe de liderança, é tentar misturar literatura, arte, filosofia, psicanálise e ferramentas de gestão na vida

da empresa e das pessoas. Sempre com os pês no chão e a cabeça no céu. “Nem tanto à Apolo nem à Dionísio .” Uma liderança como essa faz muitos enxergar o que poucos vão conseguir ver, e outros não verão o que alguns estão querendo fazer. Gerenciar as frustrações e entender que nem todos estão preparados será crucial para alcançar o topo da montanha.

Portanto, levar o time a entender e compreender estágios nunca antes

alcançados faz parte da formação de quem tem fé na liderança baseada no sentido.

O líder é o propositor dessa cadeia de estímulos, tendo como objetivo olhar por cima, encharcando a alma de seus liderados com esperança, vida e sentido. Ele tem a responsabilidade de buscar entender a condição humana. O dr. Viktor Frankl, sabendo disso, dizia: “Não somos nós que esperamos alguma coisa da existência, mas sim ela que quer algo de nós. Não podemos ficar apenas aguardando o veredicto vida ou morte!”.

Para estar além da liderança, espera-se que o líder tenha luz própria e retrate questões originais, assumindo um posicionamento vivificante, dando sentido à existência e inibindo papéis ditadores. A imortalidade de uma liderança está no trabalho do dia a dia com os colaboradores, ensinando e aprendendo quais os caminhos a serem seguidos para conseguir entender melhor a condição humana.

Entretanto, ninguém é obrigado a ser feliz. Sabemos que o mundo de hoje quer a todo custo nos comprar com o discurso da felicidade. É nessa guerra que estamos.

Mas, para entender como desenvolver uma saúde afetiva nas organizações, não há como fugir da tentativa de debater sobre as condições humanas. O tema intitulado a falta de vida nas empresas vem aprofundar a reflexão sobre por que não existe vida em algumas delas e por que os líderes estão se envolvendo com conceitos

como esses. Será que, em alguns casos, nos pedidos de demissão, os colaboradores

não estão trocando de empresa, mas sim querendo mudar de relacionamentos e

líderes? É fato que nós lutamos incansavelmente para melhorar a qualidade de

vida. Com efeito, organizações sem vida estão fadadas a perder talentos e

oportunidades. E, olhando para o cenário atual, como anda o entendimento sobre

a condição humana daqueles que estão à frente, tomando decisões e liderando

pessoas? Não adianta ter apenas boa vontade e entusiasmo. É preciso estudar e

compreender como a vida, em todas as suas dimensões, se envolve e se desenvolve

em múltiplos cenários. Pode parecer ingênuas, repetitivas e banais essas reflexões

e perguntas. Tente responder às questões simples, como, por exemplo: o que é uma

criança? O que é o mundo? Quem é você? Qual o sentido da sua existência? Deus

existe? São questionamentos que parecem fáceis de serem analisados. Entretanto,

organizações e pessoas se perdem por não conseguirem se concentrar nessa

simplicidade, na forma de entender o próprio negócio e a si mesmo. Como lutar a

favor da vida, que seja a sua ou a dá organização, se os caminhos não estão claros?

É mais fácil ser engolido pela rotina do cotidiano, como acontece em

relacionamentos amorosos. É difícil uma relação em que exista amor acabar. O amor não é o que a maioria acredita ser, um conto de fadas, um sentimento que completa a vida. Pelo contrário, ele nos move, tirando a qualidade da existência, empurrando-nos a buscar algo maior, melhor, mais prazeroso. Quando estamos amando algo ou alguém, ficamos inflamados iguais à pólvora. Trabalhamos e nos

dedicamos com afinco, mesmo sentindo dores físicas ou emocionais.

Platão, que ficou famoso pela expressão “amor platônico”, foi grande

provocador do amor. Sua obra *O Banquete* contém inúmeros discursos e pontos de

vista sobre o amor. Platão dizia: “Precisamos aprender a amar o amor. E que não existe amor se não houver o amante”.

O que é o amor platônico?

Oh, homem de ombros largos,

Sei que aqueles que te invocam

É porque estão em falta.

Não porque sentem sua falta.

Mas porque estão carentes,

Sofrendo, perdendo,

Ardendo com o fogo

Interno,

Eterno.

Seus corações batem

Como os dos pássaros acorrentados.

Oh, homem de ombros largos,

O tempo passou,

E suas reflexões continuam fazendo partos e contratos

Com as almas que buscam vida.

O que é de verdade a verdade,

O amor verdadeiro?

Quanta imperfeição,

Nessa reflexão.

Que banquete é esse

Em que todos que comem

Sentem mais fome?

Fome de liberdade,

De não se prender,

A compreender a natureza divina.

Não quero me meter

A tentar entender a alma.

Porque ela é divina.

Além da Liderança: Devaneios de uma gestão

Não quero também

Tentar entender a matéria.

Porque ela é da terra.

Quero o meio,

O belo,

Que está entre o divino e a matéria.

Quero derramar do meu coração,

Em outro coração,

Todo amor,

Que um dia encontrei em Platão.

Será que essa busca por aumentar a qualidade de vida e “se dar bem” não seria a procura de algo que está faltando? Falar de dinheiro e amor nas organizações combina? Está na moda fazer papel de bom moço, bom líder? Não confunda a liderança que está a favor do sentido da existência com essa liderança fraca, de autoajuda, que hoje está na moda.

Ninguém consegue ser mais produtivo se não sentir que suas carências estão sendo alimentadas. Buscar o perfil ideal de colaborador aplicando testes que analisam tomadas de decisões é apenas a ponta do *iceberg*, entender suas carências é mais profundo. Saiba encontrar suas necessidades e a de seus liderados, então

achará o caminho a trilhar.

Trabalhar a gestão pela busca do sentido é gerenciar egos e carências dia a

dia. Ninguém tem objetivos se não entender qual é o alimento que gera energia. O

psiquiatra suíço e fundador da psicologia analítica Carl Gustav Jung dizia: "Todos

nascemos originais e morremos cópias". Essa reflexão nos assombra, pois uma

forma de saciar carências é ser o que se é. Descobrindo-se sempre. A necessidade

nunca vai nos abandonar. Entretanto, se descobrirmos como alimentá-la todos os

dias, por meio de nós mesmos, seremos então, que seja por momentos efêmeros,

felizes. E pode apostar, estaremos em paz com essa reflexão de Jung, mesmo tendo

descoberto que somos cópia de nós mesmos.

Meu amigo, não desvie dos seus significados profundos. Não seja a cópia,

seja o original. O mundo vai tentar, em todo instante, te tirar o que tem sentido.

Não deixe as pessoas roubar sua vida. Não venda seus sonhos, erga sempre que

necessitar a cabeça acima do rebanho. Não se apequene. Lute contra os fantasmas

que te assombram diariamente, fique amigo deles. Transforme sua existência e seu

trabalho em algo que propicie orgulho e alegria ao vivenciar. Como

brilhantemente

escreveu Benjamin Disraeli, primeiro-ministro britânico: "A vida é muito curta

para ser pequena " . Coloque alegria em tudo, e não prazer. Este é fisiológico, passa

rápido. O contentamento vem do espírito, alimenta as carências e nos faz sentir

vivos em meio à agitação, mesmo não tendo respostas para perguntas a respeito do

sentido da vida. Por que as coisas existem? Por que existimos? Qual é o sentido da

existência? O que estamos fazendo da vida?

Além da Liderança: Devaneios de uma gestão

Líder? Profeta? Ou Professor?

Uma gota d`água de chuva nunca terá um litro

e nem será apenas uma molécula.

Confesso, entre as palavras líder, profeta e professor, a mais especial para

mim é professor. Em definições clássicas, para contextualizar, líder é aquele que

está à frente, inspirando seus colaboradores a seguir certas estratégias. O profeta

sente o futuro, intui o que poderia acontecer se algo não fosse feito, o caminho e a

direção a seguir. Já o professor ensina. A palavra professor deriva de profeta. A

diferença entre profeta e professor é que o profeta vê, idealiza, sonha, espera; o

professor auxilia no pensar, provoca, intriga, ensina a realizar e faz acontecer de

um jeito que os seus alunos exprimam os melhores resultados. O professor não

manda. Sua relação com seus alunos é amorosa. Seu maior valor e desafio são

construir pontes com os estudantes. Ele não é o fim, mas sim o mediador que leva

à finalidade. Como faz isso? Provocando a inteligência, a curiosidade, o espírito.

O professor não entrega nada pronto. Entre profeta e professor, meu espírito

prefere professor. Entretanto, não existe um dualismo, ou escolhe um ou outro.

Esse fluxo de mistura entre líder, profeta e professor é natural.

Com efeito, o líder, depois de ter algumas pessoas ao seu lado, seguindo-o,

sente peso nas costas, devido à responsabilidade de conduzi-las a algum lugar, que,

na maioria das vezes, ele não sabe onde é. Um líder que não leva ninguém a lugar

nenhum não teria por que inspirar pessoas. Nesse contexto, ele começa então a se

preocupar com a direção, o propósito, em entender onde fica o “país das

maravilhas”, o lugar tão sonhado e idealizado por ele e por todos que o

acompanham.

Percebam que a figura do profeta começa a invadir a imaginação. É nessa

hora que acontece mais uma transformação. O líder, se sentindo pressionado e

provocado pelo movimento que, na maioria das vezes, foi ele que provocou, torna-

se o profeta da organização. Entretanto, alguns chegam a esse estágio despreparados, não por falta de conhecimento, mas de experiência de vida. Esses provocam lambanças nas organizações, por impor suas ideais como as únicas a alcançar. O intitulado “profeta da organização” acredita fielmente em suas concepções, fazendo com que as pessoas vejam apenas um único caminho, o dele.

Contudo, as oportunidades passam a se transformar em problemas, levando a gestão a situações-limite. Isso acontece principalmente pela confusão feita entre poder, direção e a forma de condução. Falta pedagogia. O clima fica tedioso e monótono, com tom único. Ou segue o caminho “profético”, guiado por aquele que se julga o profeta, ou está fora.

Certa vez, escutei de uma pessoa que veio me oferecer parceria que, em muitas de suas visitas, ela encontrava gente que acreditava ser deuses. Mas também aqueles que tinham certeza de que eram deuses. Penso que o profeta, mesmo com direção, precisa fazer aulas de condução.

Para contribuir e valorizar nossas reflexões, Rubem Alves cita em seu livro *Pimentas* um trecho da obra de Guimarães Rosa, escrita em 1956: *Grande Sertão: Veredas*:

“O senhor deve ficar prevenido: esse povo se diverte por demais com baboseira, dum traque de jumento, formam um tufão de ventanias. Por gosto de

rebuliço. Depois eles mesmos acabam temendo e crendo...".

Guimarães Rosa foi agraciado em escrever de forma tão poética esse poderoso texto! Portanto, nessa hora, as organizações comandadas por um único tom ou ego sofrem.

Quando o profeta chega ao tempo de maturação, ele se transforma em um belo jardineiro. Já entendeu que, plantando a sua visão pela via do coração, tudo fica leve, saudável e produtivo. Quando isso acontece, ele se torna um "líder

profeta jardineiro". Essa é uma excelente fase, pois se sente feliz, confortável, seguro em profetizar seus sonhos e ideais. Os colaboradores confiam nele e o escutam, seguindo seus passos. A afetividade passa a ser a sua maior arma para expor ideias. Como aconselhou Johann Wolfgang von Goethe: "Se tomamos os homens como são, fazemo-los piores. Se os tratamos como se fossem o que deveriam ser, conduzimo-los aonde cumpre levá-los".

"Como nada dura para sempre, nem mesmo a chuva fina de verão ", conforme canta Axl Rose, na música *November Rain*, o líder profeta jardineiro não é eterno, precisa continuar a se transformar. É hora de adicionar em seu currículo a figura do professor. Agora, o mais importante dessa fase para ele não são os planejamentos, as estratégias, os processos e as metas. Pois já aprendeu como inspirar, ver e cuidar. Chegou a hora de potencializar o aprender a ensinar. O

crucial dessa etapa é desenvolver sua pedagogia, tornando-se um pedagogo. A etimologia da palavra pedagogo é “aquele que leva o menino pela mão”. Parafraseando, esse professor das empresas é o que conduz o colaborador pela mão. Que está andando ao lado, ensinando o caminho que deve ser percorrido. Ele inspira, provoca, idealiza, profetiza, cuida e ensina a pensar. Ajudando a exprimir o que há de melhor em cada um. Cria uma verdadeira confusão!

Confusão

Não procure confusão!

Procure alguém que te confunda.

Mas não confunda,

A confusão

Com quem te confunde.

Quem te confunde

Não cria confusão,

Cria provocação.

Provar uma nova ação

É se deleitar

Em tentação.

É tentar uma nova ação.

Mas também

Não confunda

Quem te confunde

Com alguém

Criador de tentações.

Pode apostar,

Ele não quer confusão!

O que ele quer

É transformação.

Além da Liderança: Devaneios de uma gestão

A sobrevivência pelo prazer

As pessoas se mutilam para confirmarem a si mesmas

que estão vivas.

Tentar se conservar como ser humano, na trajetória breve da existência, é um dos desafios eternos do indivíduo. A busca por um sentido no que se vive é a saída para sobreviver até a morte. Escolher como morrer é um exemplo de sobrevivência com objetivo. Morrer sem ter a chance de optar não faz sentido. O dr. Sigmund Freud, sabendo disso, dizia: “Os impulsos de auto conservação asseguram, em verdade, que todo organismo vivo se defenda das ameaças externas

de destruição, com o propósito último de morrer a própria morte, de lutar com

todas as suas forças para assegurar essa possibilidade, de modo que as pulsões que

integram o grupo da autopreservação deveriam ser interpretadas como a defesa da

maneira própria de morrer de cada organismo e de espécie orgânica". Portanto, a

pulsão do prazer, que está dentro de nós, é o que mantém as estruturas que levam

ao "sentido pleno da vida". Sobreviver pelo prazer, mesmo que seja em momentos

imagináveis de sofrimento, é colocar sentido na existência. O memorável dr.

Viktor Frankl, que, em sua trajetória, foi professor, psicanalista, escritor, fundador

da Logoterapia e que passou por vários campos de concentração nazistas, ensina

que existe grande diferença entre desespero e sofrimento. Para Frankl, o desespero

é um padecimento sem importância. Entretanto, o sofrimento com "prazer" tem

sentido; por mais que ele seja doloroso, impede o vazio existencial. Um exemplo

disso é nos momentos da perda de um ente querido. Nessas ocasiões, podem-se

evidenciar as pessoas desesperadas e as que sofrem com motivos. Gente que

poderia se suicidar devido à dor e outros que saberiam dizer por que não destruíram

a própria vida. A diferença é que, para certo grupo, o padecimento tem sentido.

Não parece comum dizer que existe “prazer” no sofrimento. Com efeito, há pessoas que passam a vida de forma inconsciente, buscando dor apenas para sentir as pulsões do prazer. Lembro-me do poeta Paulo Leminski, quando dizia: "Não toquem nessa dor, ela é tudo que me resta. Sofrer vai ser minha última obra". Por outro lado, a luta pela sobrevivência gera transformações inimagináveis em nós, seres humanos.

Sementes sufocadas

Passamos por momentos

Nos quais somos empurrados

Para baixo,

Colocados com a face sobre a terra.

Somos introduzidos

Na Terra.

Por que existo,

Ou o que sou eu?

Ficamos como sementes,

Sementes sufocadas.

Muitos passam,

Muitos pisam.

Outros passam,

Porque tem que passar.

Alguns passam

E não nos vê.

Mas, nesse sufoco,

Introduzidos na terra,

Lutamos

Para continuar a sobreviver.

Fazemos força.

Sentimos força.

Algo dentro de nós se quebra.

Descasca-se,

Abre-se.

Nascemos novamente

De uma experiência de quase morte.

Cada um de uma cor,

Com diferentes estruturas e cheiros.

A terra nos alimentou.

Fizemos um acordo íntimo,

Como a mão direita e a esquerda.

Independente daqueles que passaram.

Conseguimos brotar.

Mas continuo a pensar...

E sei que pensar é não compreender.

Mas penso,

Por que estou aqui

E o que eu sou agora?

Para manter-se vivo nos campos de concentração, uma das estratégias que o dr. Viktor Frankl utilizou foi tentar sempre colocar sentido em tudo que se passava. Usar o sofrimento como mola propulsora para acrescentar vida em corpos que estavam mortos. Viktor Frankl descreve em seu livro *Em Busca de Sentido* o seguinte: “Existiam dois homens que, em conversas, haviam manifestado

intenções de suicídio. Ambos alegaram, de maneira típica, que nada tinham a esperar da existência. Importava mostrar a ambos que a vida queria algo deles, e alguma coisa nela, no futuro, estaria contando com eles. E, de fato, revelou-se que, por um deles, havia alguém à espera: seu filho, ao qual idolatrava, estava aguardando o pai no exterior. Pelo outro, esperava não uma pessoa, mas um objeto: sua obra. O homem era cientista e publicara uma série de livros sobre determinado tema, a qual não estava concluída. E, para essa obra, era insubstituível, não podia ser trocado por outro. Mas ele não era nem mais nem menos descartável que aquele que, no amor de seu filho, era único e não devia ser substituído. O fato é que nenhum indivíduo pode ser representado por outro. Eis aquilo que, levado à

consciência, aumenta a responsabilidade do ser humano por sua vida e pela continuidade dela". Magnífico, não? Isso nos mostra que a nossa existência depende de um sentido. E este é individual e intransferível. Cada ser humano deve buscar o porquê e o para que sobreviver. O que esperar? Em que se apoiar? Freud já não dizia que a vida é trocar uma ilusão pela outra. Entendemos que a morte é o limitador temporal da existência. Se ela não existisse, não sentiríamos prazer em viver. Ver a morte como algo belo é entender que o sentido está dentro de nós, e não fora. Que sempre existirá outro ângulo para ver. E, na verdade, não temos medo da morte, e sim do temor que vamos sentir nessa hora. Contudo, é preciso ser ousado e encarar as situações que a vida impõe.

Sempre idealizamos o futuro como algo bom, perfeito e glorioso.

Entretanto, esquecemo-nos de viver os problemas como se fossem oportunidades de nos transformarmos. É confortável fantasiar que a tempestade vai passar. Esse mecanismo ou dualismo entre o prazer e o desprazer, sentido e falta dele cria o significado que buscamos. A felicidade efêmera. Sobreviver pelo prazer é estar sobre a vida, além da própria existência.

Nas organizações e equipes, o mais importante é enxergar o outro ângulo.

Esse que, muitas vezes, é o que chamamos de direcionamento de rotas e estratégias. Tal pensamento seriam a missão e a visão que hoje estão coladas nas

paredes das empresas. É o que ilustra o caminho para o objetivo.

Além da Liderança: Devaneios de uma gestão

Qual o motivo da sua vida? Deveriam as instituições se perguntar, pois elas não foram criadas simplesmente para vender produtos. Mas sim uma nova e transformadora visão de mundo. Os líderes têm como missão descobrir suas vontades de potência, desejos, prazeres e mecanismos que os impulsionam para o sentido de liderar. Ajudando, com essas descobertas, seus colaboradores a descobrir os deles. Deixando cada um dar seu melhor, liberando as amarras, acreditando e confiando uns nos outros, evidenciando o ponto de partida e o de chegada. Porém deixando cada um construir a própria rota. Assumindo responsabilidades, encontrando seu sentido e pulsão de vida. Todos devem se perguntar o que sou hoje? O que vou ser? Lev Vygotsky dizia: “Nós nos tornamos nós mesmos por meio dos outros”.

Leonardo Peracini

A materialização do amor como alimento da vida

"Claro, como se ama um amigo

Eu te amo, vida enigmática –

Que me tenhas feito exultar ou chorar,

Que me tenhas trazido felicidade ou sofrimento,

Amo-te com toda a tua crueldade,

E se deves me aniquilar,

Eu me arrancarei de teus braços

Como alguém se arranca do seio de um amigo.

Com todas as minhas forças te aperto!

Que tuas chamas me devorem,

No fogo do combate, permite-me

Sondar mais longe teu mistério.

Ser, pensar durante milênios!

Encerra-me em teus dois braços:

Se não tens mais alegria a me ofertar

Pois bem – restam-me teus tormentos. "

Lou Andreas Salomé.

Para iniciar a reflexão, selecionei um trecho de uma obra de Platão, *O Banquete*, que foi citada anteriormente e pela qual tenho grande admiração. “A natureza humana original não era semelhante à atual, mas diferente. Em primeiro

lugar, os sexos eram originalmente em número de três, e não dois, como são agora;

havia o homem, a mulher e a união dos dois (...) Tudo nesses homens primevos era duplo: tinham quatro mãos e quatro pês, dois rostos, duas partes pudentes, e

assim por diante. Finalmente, Zeus decidiu cortá-los em dois, ‘como uma sorva

que é dividida em metades para fazer conserva’. Depois de feita a divisão, as duas

partes do homem, cada uma desejando sua outra metade, reuniram-se e lançaram

os braços uma em torno da outra, ansiosas por fundir-se. ” É inevitável que a

melhor forma de ligar um ser humano ao outro é por meio do amor ou do ódio.

Dois sentimentos que trabalham em conexão, um mais lento, o outro mais rápido,

quase que instantâneo. Claro que o melhor caminho sempre será pelo amor, que é

mais difícil de entender e compreender do que o do ódio. O caminho do ódio é o

seguinte: basta começar a odiar alguém e encontrar outro que não gosta dessa

pessoa que você está detestando. Observe como a ligação fica rápida, em segundos,

existem milhares de indivíduos odiando a pessoa. Ainda mais agora, com as redes

sociais. Meu Deus! Observe a reação nas salas de aula ou nas organizações quando

um professor ou gestor entrega uma nota abaixo da média para a turma ou

departamento. Em segundos, até os inimigos de classe ou repartição se unem

contra o mestre ou gestor. A ligação é instantânea, parece que o Apocalipse

começou. Entretanto, o amor dificilmente provoca associação tão superficial como

a do ódio. O caminho é mais doloroso e complexo.

Precisamos aprender com as memoráveis e dolorosas experiências do dr. Viktor Frankl, que passou parte de sua vida nos campos de concentração e sobreviveu por ter encontrado sentido em estar ali. O ódio e o amor se manifestavam ao extremo, no mais profundo sentido, vivendo e passando por situações desumanas. Fome, agressões físicas e psicológicas, frio e saudade. O sol nascia, as flores brotavam, o cheiro de vida e de morte rondando constantemente.

As condições humanas impostas e reações de todos que passaram por elas, literalmente, eram sentidas à flor da pele.

Penso que nós, que nunca estivemos em um campo de concentração ou enfrentamos experiências próximas, jamais conseguiremos ter a ideia do que é sentir essa desumanidade.

Entretanto, um dos vários meios de sobrevivência que o dr. Frankl encontrou foi utilizar o amor como alimento para a alma. Em muitos momentos, cita em seu livro *Em Busca de Sentido* uma passagem que se imaginava sentado ao lado de sua esposa, jantando, contanto tudo o que tinha acontecido nesses anos.

Com isso, acalmava suas expectativas e voltava a alimentar as esperanças. Ele complementa, contando outra história: “Enquanto avançamos aos tropeços

quilômetros a fio, vadeando pela neve ou resvalando no gelo, constantemente,

apoiamo-nos um no outro, erguendo-nos e arrastando-nos mutuamente. Nenhum

de nós pronuncia uma palavra, mas sabemos que cada um só pensa em sua mulher.

Vez por outra, olho para o céu, onde empalidecem as estrelas, ou para aquela região

no horizonte em que assoma a alvorada por trás de um lúgubre grupo de nuvens.

Mas agora meu espírito está tomado daquela figura à qual ele se agarra com uma

fantasia incrivelmente viva, que eu jamais conhecera antes na vida normal.

Converso com minha esposa. Ouço-a responder, vejo-a sorrindo, observo seu olhar

como a exigir e a animar ao mesmo tempo; e tanto faz se é real ou não a sua

presença, seu olhar agora brilha com mais intensidade que o sol que está nascendo.

Um pensamento me sacode. É a primeira vez que experimento a verdade daquilo

que tantos pensadores ressaltaram como a quintessência de sabedoria, por tantos

poetas cantada: a verdade de que o amor é, de certa forma, o bem último e supremo

que pode ser alcançado pela existência humana". Nós somos privilegiados. Mesmo

sozinhos, não sentimos solidão, pois trombamos sempre de frente com o

pensamento que nos toma a mente e invade o coração. Reflexão que foi gravada e

vem à tona.

Para toda eternidade

Levo dentro de mim um sentimento terno,

Eternamente sentimento.

Além da Liderança: Devaneios de uma gestão

Sinto e saboreio

Momentos do passado,

Como se estivessem vivos.

Debato-me, luto, imploro e choro.

Quero eternizar mais um,

Pois faço coleção.

Hoje, não consegui nenhum.

Mas sinto que estou vivo.

Ainda tenho a minha coleção.

Amanhã,

Quem sabe,

Posso me alimentar novamente

Da eterna idade.

Esse pensamento, como descrito por Frankl, adquire forma e se transforma em um sentimento que está dentro de nós, adormecido e empoeirado. Até o estimulamos diariamente, mas com potência baixa, a qual acreditamos ser a

ideal.

Por isso a busca eterna de ter motivo para tudo que fazemos. Potência humana

baixa gera elevada carência. Já a alta garante engajamento, amor próprio, vontade

de sobreviver, pensamentos nobres, que estão sobre a vida, e não sob ela. Contudo,

entende-se que essas forças internas são manifestadas porque existe alguma coisa

que nos estimula a buscar sentido; algo belo, fora de nós para experimentar. Fazer

isso com inteligência é saber se experimentar por dentro.

Casei-me em uma igreja cristã que se chama Santo Antônio. Mas, antes

disso, eu e minha esposa tivemos de fazer um curso destinado a noivos, que, nessa

tradição, é obrigatório para todos que querem se unir. O objetivo das aulas é alertar

e instruir os casais sobre os pecados que podem vir a ser cometidos com a rotina

do dia a dia. Lembro-me de um senhor com mais de 50 anos de casado que se

destacou dos outros que falaram por seu entusiasmo. Ele iniciou provocando-nos,

perguntando qual era a diferença entre um filho que nasce do ventre da mãe e um

adotado? Imediatamente, pensei na resposta óbvia: o primeiro era biológico, de

sangue, o outro não. Mas minha resposta não me satisfez, então continuei a refletir

sobre a provocação. Então, ele, sorrindo por ver nosso rosto espantado, de casais

que ainda tinham muito a viver, disse: “O primeiro filho de sangue vem de dentro

para fora. O segundo, adotivo, de fora para dentro”. Confesso que, naquele

momento em que foi dada a resposta, passaram inúmeros pensamentos pela minha

cabeça. O primeiro foi confirmar se os amigos que estavam ao meu lado, seguindo-

me, eram filhos adotados, que vieram de fora para dentro. Alguns ficando pouco

tempo, como fazem a maioria deles, que partem quando se tornam adultos.

Entretanto, outros ainda estão próximos de mim, acompanhando-me,

conforme agem outros filhos, que vivem perto de seus pais, mesmo que seja em

uma casa ao lado. Entre os que foram e os que ficaram, todos me deram a

oportunidade de me completar, ensinar e aprender sobre a condição humana. Sem

eles, hoje minha vida não teria sentido. Sei que os usei para me experimentar por

dentro.

Portanto, os sentimentos que resgatamos na alegria ou na mais profunda dor

interna vêm das lembranças gravadas na mente, causadas pela experiência que

tivemos ao experimentar os sabores e dissabores da vida.

Viver como um animal

Queria ter nascido animal,

Para não ter noção

De presente, passado e futuro.

Animal vive o presente.

Quando está com fome, está com fome.

Quando está triste, está triste.

Além da Liderança: Devaneios de uma gestão

Quando está feliz, está feliz.

Ser homem dá muita febre.

Queremos usar do passado,

Para um dia fazer história

No futuro.

E o presente?

Esquecemos,

O fazer a história.

Queria não me preocupar com tanta história.

Mas por que ser abençoado com tanta memória?

Queria poder

Me esquecer,

Do que não está a favor da vida

E do que foi gravado na memória.

Momentos vividos e gravados na mente podem misturar-se com devaneios

da imaginação e tornarem-se armas poderosas. É possível que todos sejam a chave

para abrir a porta da afetividade, encontrando sentido e redirecionando uma rota.

Essa é a materialização do amor, como alimento para a vida, como o jantar descrito

por Frankl. Quantas vezes paramos e sentimos profunda saudade de alguém que se

foi? Relembramos momentos que só eu e você conseguimos entender, porque estão

dentro de nós? Imaginamos quanto poderíamos ser melhores em situações que

passaram? Quanto se tem para suportar da vida? Mesmo compreendendo que não

há futuro, pessoas e mundo perfeitos. Entretanto, encarar o imperfeito com

sabedoria é tirar proveito até dos fracassos. Limpando da vista a neblina que nos

impede de ver os verdadeiros porquês e para quês, até em situações em que o medo

está presente, empurrando-nos para o abismo. Nelson Mandela, entendendo que a

coragem e o medo são diferentes, mas, sabendo que ambos andam juntos, aprendeu

que “a coragem não é a ausência de medo, porém o triunfo sobre ele. O homem corajoso não é aquele que não sente temor, é o que faz conquistas apesar do medo".

O líder que não caminha como diz essa reflexão tropeça em seus homens.

Alimentar a existência com vida pelo ódio, medo e amor é aprender a converter sentimentos em virtudes, permitindo brotarem dos mais profundos desejos e paixões a ação, a mudança e a transformação. Nietzsche afirmava: “O homem precisa ser superado. Por isso necessitas amar as tuas virtudes, porque nelas morrerás”.

Além da Liderança: Devaneios de uma gestão

Felicidade efêmera

“Se, na minha juventude, eu tivesse reparado que o benéfico esplendor do belo, pelo qual me apaixonara, havia de acender no coração, ao refluir a ele, um fogo de tormento imortal, como eu teria de bom grado extinguido a luz do meu olhar!...”

Michelangelo.

Michelangelo, nessas palavras, dizia que estava disposto a furar os próprios olhos para não enxergar o belo como a via. Sua paixão pela criação era intolerável,

fazia-o sofrer. Ele afirmava que sentia dentro de si “uma lava ardente e rochosa”. “O que constitui a minha substância é o que me abrasa e me inflama, pois é desejável que viva daquilo que os outros morrem...”

Michelangelo.

O que é a felicidade? Como se manifesta? Ela existe? O que o homem sabe

sobre ser feliz? Qual relação entre a vida e a felicidade?

Peço licença, novamente, para invocar o filósofo alemão Friedrich

Nietzsche, para contribuir e valorizar esse tema em discussão. Nietzsche dizia que

o tempo é um fardo. Que o maior desafio é viver. Que todos devemos morrer, mas

na hora certa, compreendendo que a morte só não é aterrorizante quando a vida já

se consumou. Com essas palavras, Nietzsche nos convida a refletir se realmente a

nossa existência está sendo plena, com sentido. Muitas vezes, eu e você, vivemos

fora de nossa vida, no plano de existência de outras pessoas. Uma vida repetida,

sem pulsões de prazer ou sentido. Sem perspectiva de futuro, encarcerado no que

se é. Penso, com efeito, que, sem objetivo no futuro, como pode o homem existir?

Conforme havia citado em outros temas, ainda bem que existe a morte, pois ela é

o último ponto de limitação do futuro.

Ter uma vida infeliz e sem prazer é estar preso com amarras. Não há

felicidade sem liberdade. Criar o próprio destino, mesmo que seja ilusório,

alimenta a vida com objetivo. Viktor Frankl, em uma de suas passagens nos campos de concentração nazistas, comenta que se sentia feliz pelo simples fato de ser poupado por determinadas tarefas ou por não acontecer nada, absolutamente nada durante o dia. Quantas vezes nos sentimos entediados e engolidos pela rotina do cotidiano? Muitos chegam às suas residências, depois de um dia de trabalho, com o corpo exausto, gritando de dor, e um sentimento de vazio existencial. Por qual motivo isso vem aumentando? E quantas vezes ficamos esgotados por não fazer coisa nenhuma? Agora, voltamos em Frankl e novamente nos perguntamos:

como pode um homem ter momentos felizes num campo de concentração e extermínio nazista? Pessoas eram mortas e expostas a situações desumanas em todo instante. Frankl testemunhou em seu livro *Em Busca de Sentido* um relato dessa felicidade efêmera e das estratégias que foram utilizadas para se proteger contra o mal que estava à sua volta.

“Éramos gratos ao destino quando ele nos poupava de sustos, os mínimos que fossem. Já ficávamos contentes quando, à noite, podíamos catar os piolhos do corpo antes de nos deitar. Em si, não era operação agradável, porque tínhamos de nos despir no barracão quase nunca aquecido, pendiam do teto estalactites de gelo.

Mas nos dávamos por satisfeitos quando, em tal hora, não havia um alarme aéreo

que causasse um blecaute e nos impedisse de completar a operação cata piolho, o que significava metade da noite sem conseguir dormir.” Essa felicidade e gratidão, por mais que seja infame, era sentida à custa da ausência de sofrimento. Frankl dizia que ficar alegre, seja por alguns segundos nos campos de concentração, era raro. Uma de suas estratégias foi fazer uma espécie de balanço do prazer. Ele afirma que isso aconteceu no curso de muitas semanas e com apenas dois momentos de real contentamento. Contar instantes de prazer, mesmo sabendo que o resultado seria um saldo positivo de momentos de desprazer e sofrimento? Para que isso? Manter a chama da esperança acesa? Se deleitar de alegria em encontrar flor no deserto? Sentir pequenos sabores da vida? Ficar vivo acima de tudo? Voar por cima da tempestade? Sentir a felicidade efêmera? Penso que Viktor Frankl buscou eternamente mudar o ângulo em situações difíceis, encontrando-se com o poder da vida e alcançando plena liberdade, curando-se.

Lágrimas perfumadas

Ô lágrimas que um dia escorreram
Perfumadas.
Lentamente, rolavam,

Acariciando aquele belo rosto,

Rosto de mulher.

Rolavam, lentamente,

Até chegar aos seus pés.

A alma sendo lavada,

Como sempre fizeram as lágrimas.

Mas o perfume,

Curava,

Perfumava

Aquela vala,

Que um dia foi cavado.

Ô mulher bela e cheirosa,

Mesmo o seu coração estando vazio,

Hoje ele foi perfumado,

Acariciado.

Irrigado com o perpétuo amor.

Um momento como esse,

Não é para perguntas.

Desassossegue sua alma,

A sua vala hoje,

Se completou,

Com o mais belo perfume

Feito do eterno amor.

Você ganhou asas

Para continuar a voar,

Ir para onde tem que chegar.

Ô mulher, que já nasceu perfumada,

Agraciada.

Não te preocupes mais,

Hoje,

Você se libertou,

Do mau cheiro que a vida lhe causou.

Entretanto, temos como exemplo pessoas ignorantes, dramáticas, que se

fazem de vítimas e aceitam o sofrimento como algo para se deleitar, padecendo da

forma mais profunda possível. Elas pagam promessas, nas quais sofrem, andando

de joelhos em escadas. Ficam semanas sem determinado alimento, maltratam o

corpo e fazem outros absurdos. Por que não agir como Frankl? Mudar o ângulo da

situação? Mesmo que o objetivo seja sofrer. Por que não pagar promessa lendo um

livro por semana? Não falar mais palavrões? Não brigar novamente com

determinada pessoa? Tratar os filhos bem, de forma humana? Aprender uma

habilidade nova? Escrever poesia? Tentar viver com intensidade?

A busca da felicidade começa em recuperar os pequenos e grandes

momentos que tiveram sentido. Tentando entender os porquês das frustrações,

sofrimentos, rupturas e alegrias. Aprendendo a direcionar a luz no ângulo que está

a favor da vida. Esse tipo de habilidade não se ensina na escola. Rubem Alves, em

seu livro *Variações do Prazer*, cita Guimarães Rosa quando o tema é a alegria. “A

alegria acontece em momentos raros de distração. Não há como produzi-la. Ela

simplesmente vem e vai como o sopro do vento, com a fugacidade de bolinhas de

sabão. Contudo, é exatamente nesses momentos que sentimos que valeu a pena ter

vivido, para experimentá-los .” Quantas verdades Guimarães Rosa e Rubens Alves

mostram nesse trecho. Bastantes, e elas surgem por meio da exploração do detalhe.

É isso, sobreviver é estar sobre a existência, levando a vida apesar de ela não se

parecer com ela mesma, “como o sopro do vento, com a fugacidade de bolinhas de

sabão ”.

Meu querido amigo leitor, perdoe-me, chegamos ao final da viagem. Neste momento em que escrevo, por uma descarga de prazer e um transbordamento de alegria, meu espírito me pede para concluir esse último trecho com o resto que sobrou do meu sangue. Então, tive de criar outra poesia...

Felicidade

Como essa felicidade

Obriga-me a ser infeliz.

Sempre que estou feliz

Começo a ficar inquieto

Querendo ser mais feliz.

Às vezes, para tudo.

Paro-me.

Mas não paro de buscá-la,

Desejá-la.

Fico infeliz por isso.

Sinto que estou viciado em felicidade.

Ou viciado em infelicidade?

Não sei.

Nessa hora, eu quero ser cigarra,

Apenas deixar minha casca

E voar, voar, voar.

Ai que felicidade, só de imaginar!

Mas confesso,

Sinto medo, insegurança,

Medo da mudança,

Medo de voar.

Tenho medo de altura.

Mas não de ser feliz.

Além da Liderança: Devaneios de uma gestão

Estar Além da liderança, é conseguir andar pela vida dentro das empresas, como andamos pela nossa casa pela madrugada.

Além da Liderança: Devaneios de uma gestão

Ficamos por aqui...

Bibliografia

Abujamra, A. (2012). *Antônio Abujamra Lê Fernando Pessoa*. Curitiba - Paraná: Editora Nossa Cultura.

Alves, R. (2011). *Variações do Prazer: Santo Agostinho, Nietzsche, Marx e Babette.* São Paulo: Editora Planeta.

Camus, A. (s.d.). *Primeiros Cadernos, Albert Camus ,Edição "Livros do Brasil" Lisboa.* Proudhon.

Cortella, M. S. (2006). *Não Nascemos Prontos! Provocações Filosóficas.* Editora Vozes.

Dostoiévski, F. (2011). *Noites Brancas.* Porto Alegre: L&PM Pocket Plus.

Frankl, V. E. (2005). *Um Sentido Para a Vida, Psicoterapia e Humanismo.* Aparecida - SP: Editora Idéias e Letras.

Frankl, V. E. (2010). *Psicoterapia e Sentido da Vida.* São Paulo: Editora Quadrante.

Frankl, V. E. (2011). *Em Busca de Sentido.* Petrópolis, RJ / São Leopoldo - RS: Editora Vozes, Editora Sinodal.

Freud, S. (2010). *Sigmund Freud Obras Completas.* São Paulo: Companhia Das Letras.

Gandhi, M. (s.d.). *Gandhi, Eterna Semente.* Belém-PA: Editora Paka-Tatu.

Além da Liderança: Devaneios de uma gestão

Gay, P. (2012). *FREUD Uma vida para nosso tempo. A Biografia definitiva.* São Paulo: Companhia das Letras.

Heráclito. (-576 // -480). *Citado em Platão, Crátilo.* Grécia Antiga.

Lispector, C. (1998). *Água Viva.* Rio de Janeiro: Rocco.

Mezan, R. (2011). *Freud: A trama dos conceitos* (5ª ed., Vol. I). (J. Guinsburg,

Ed.) São Paulo: Perspectiva.

Nietzsche, F. (2011). *Além do Bem e do Mal, Prelúdio a uma filosofia do futuro.* São Paulo: Companhia de Bolso.

Nietzsche, F. (2011). *Assim Falou Zaratustra.* São Paulo: Editora Martin Claret.

Nietzsche, F. (s.d.). *Humano, Demasiado Humano.* São Paulo: Editora Escala.

Pe. Léo, S. (2006). *Buscai as coisas do alto.* São Paulo: Editora Canção Nova.

Peracini, L. (2013). *O que a Vida me Falou: O Grito.* Porto, Portugal.: PoesiasFãClube.

Peracini, L. (2013). *O que a vida me Falou: O Inconsciente.* Porto, Portugal: PoesiasFãClube.

Peracini, L. (2013). *SENDO HUMANO: REFLEXÕES DE UMA EXISTÊNCIA.* RIBEIRÃO PRETO: EDITORA LIVRE EXPRESSÃO.

Sartre, J.-P. (s.d.). *O Ser e O Nada - Ensaio de Ontologia Fenomenológica.* Petrópolis: Editora Vozes.

Segal, H. (s.d.). *Introdução à Obra de Melanie Klein.* Rio de Janeiro: Editora Imago.

TASCHEN. (2010). *Miguel Ângelo 1475-1564, Génio Universal do Renascimento.* Lisboa: TASCHEN.

Trucco, R. A., & Alperowitch, E. (1991). Esta pulsão...é de morte! *Percurso,* 49.

W.R.Bion. (2004). *Transformações - Do aprendizado ao crescimento* (2ª ed.).

Rio de Janeiro: IMAGO.

Welch, J. W. (2005). *Paixão por Vencer.* Rio de Janeiro: Campus.

Yalom, P. P.-I. (Diretor). (2007). *Quando Nietzsche Chorou* [Filme

Cinematográfico].

Além da Liderança: Devaneios de uma gestão

Sobre o autor

Natural de Uberaba, possui um currículo multifocal, é escritor, poeta, psicanalista, logoterapeuta,

administrador, consultor empresarial, fisiologista do exercício, educador físico. Autor de obras

publicadas no Brasil e Europa, entre elas, Além da Liderança: Devaneios de uma Gestão, O que

a vida me Falou O Grito e O Inconsciente, Sendo Humano: reflexões de uma existência, Certo,

mas por linhas tortas e também convidado ao lado de poetas de todo mundo para construção da

1ª Antologia do Poesia Fã Clube, publicada em Portugal na Cidade do Porto. Atualmente, seus

estudos situam-se nas questões relacionadas a dissecação do mistério humano.